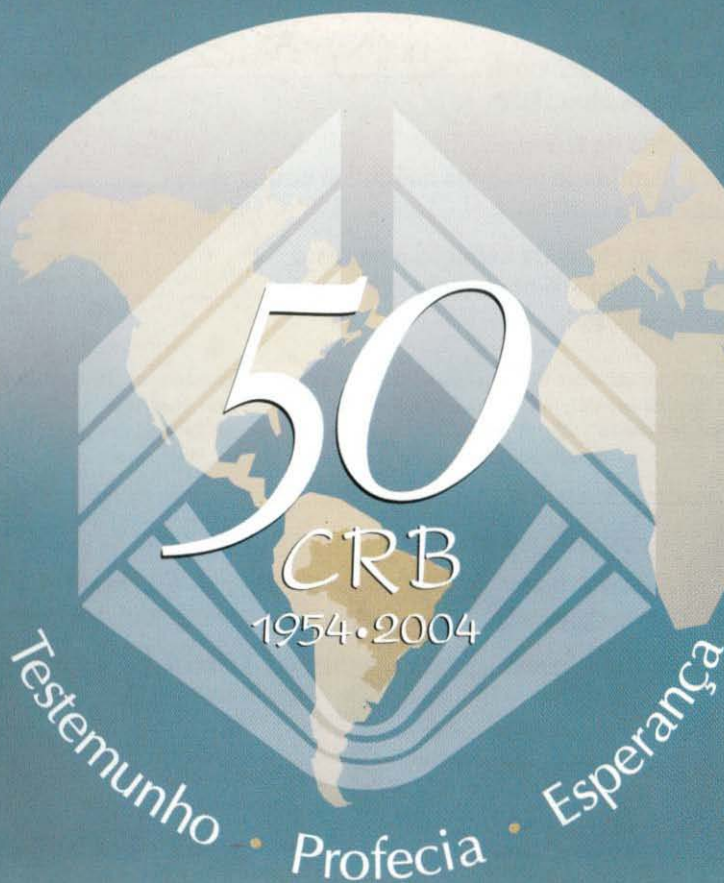


CONVERGÊNCIA

Junho 2004 • Ano XXXIX • Nº 373

ISSN 0010-8162



- Ecologia e Vida Consagrada: por um testemunho ético-profético
- Novas Gerações e Vida Religiosa
- A mulher escondida na Freira
A percepção da identidade feminina na mulher consagrada
- A Espiritualidade da Mesa, da Refeição e da Festa
Uma realidade humana latente à Eucaristia

Sumário

EDITORIAL	257
PALAVRA DO PAPA	260
INFORME CRB	264
ARTIGOS	271
Ecologia e Vida Consagrada: por um testemunho ético-profético	271
FREI NILO AGOSTINI, OFM	
Novas Gerações e Vida Religiosa	285
ANTÔNIO APARECIDO DA SILVA, FDP	
A mulher escondida na Freira A percepção da identidade feminina na mulher consagrada	296
TERESINHA DORIGON VIEIRA (IENS)	
A Espiritualidade da Mesa, da Refeição e da Festa Uma realidade humana latente à Eucaristia	306
MARCELLO CARLOS DA SILVA, SSS	

A ilustração da capa da Convergência 2004 apresenta a logomarca do Jubileu da CRB. É um projeto gráfico da artista gráfica Patrícia Oliveira da Rocha (Belo Horizonte - MG) e Luiz Henrique Sales (Rio de Janeiro - RJ). A capa evoca a presença e missão da Vida Religiosa do Brasil no mundo atual, como Testemunho, Profecia, Esperança.



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB

ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL:

Ir. Maris Bolzan, SDS

REDATOR RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho Editorial:

Ir. Romi Auth, FSP
Pe. Francisco Taborda, SJ
Pe. Jaldemir Vitorio, SJ
Pe. Cleto Caliman, SDB

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar
CEP 20038-900 - Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2240-7299

Fax (21) 2240-4486

E-mail: crb@crbnacional.org.br

PROJETO GRÁFICO E PRODUÇÃO:

LetraCapital Editora

Av. Rio Branco 257 - Salas 401/402
CEP 20040-009 - Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2215-3781

Fax (21) 2224-7071

E-mail: letracapital@letracapital.com.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o nº P. 209/73

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura
Anual
para 2004

Brasil: R\$ 85,00

Exterior: US\$ 80,00 ou o correspondente em R\$ (Reais)

Número avulsos: R\$ 8,50 ou US\$ 8,00

Editorial

Viver segundo o Espírito

MARIA CARMELITA DE FREITAS

A Igreja acaba de celebrar a festa de Pentecostes, culminação das celebrações do Mistério pascal, o mistério nucleador e dinamizador de toda a experiência cristã. Nessa perspectiva pascal, a figura do Espírito Santo adquire toda a sua relevância na vida da comunidade eclesial, que reafirma com renovado vigor a sua fé: – “creio no Espírito Santo que é Senhor e dá a vida.”

O testemunho das Escrituras santas e a mais lídima tradição cristã nos ensinam que o Espírito de Deus sempre esteve e sempre estará presente e atuando no mundo, e que irrompeu de maneira singular no evento Jesus Cristo. Desde o primeiro momento, Jesus foi ungido pelo Espírito e esta unção o conduziu ao longo da sua vida e da sua missão, conforme o testemunho do próprio Jesus, citando o profeta Isaías: – “O Espírito do Senhor está sobre mim porque me conferiu a unção” – (Lc 4,18) e acrescentando: “Hoje esta escritura se realizou para vós que a ouvis” (Lc 4,21). Na véspera de sua paixão, durante a ceia pascal, Jesus fez aos seus a

solene promessa do envio do Espírito, o “Consolador”, o “espírito da verdade” que “procede do Pai”, aquele que lhes “ensinará todas as coisas”, que os “conduzirá à verdade plena”, que “dará testemunho” e fará deles suas testemunhas (Jo 14,16,26-27). De forma plena e definitiva o Espírito se revelou ao mundo em Pentecostes, enviado para *completar* a obra de Cristo, por meio da Igreja, no tempo do Espírito.

Como povo de Deus peregrino, a Igreja é, assim, continuamente criada, alentada, e conduzida pelo Espírito, que se manifesta na pluralidade dos seus dons e na unidade a que conduz esse mesmo povo. Pela graça do Espírito os/as cristãos/ãs somos convidados a sermos “novas criaturas”, imbuídas de esperança e liberdade, porque “onde está o Espírito, aí há liberdade”. Pela força do Espírito cada um/a é chamado a estabelecer uma relação filial com Deus, e uma efetiva comunhão fraterna com todos os homens e mulheres que constituem a “família humana”.

Como vocação ao seguimento de Cristo no Espírito, a Vida Religiosa participa dessa

dimensão pneumatológica da Igreja. Por isso, da mesma forma que a Igreja, a Vida Religiosa é denominada “vida no Espírito”, “vida segundo o Espírito”, e considerada pela tradição católica uma forma de seguimento de Jesus, que o Espírito vai suscitando e dinamizando ao longo da história. O Concílio Vaticano II ressaltou essa verdade acerca da Vida Religiosa, ensinando que “o estado constituído pela profissão dos conselhos evangélicos não pertence à estrutura hierárquica da Igreja, e sim de maneira indiscutível à sua vida e santidade” (LG 44), que é um dom do Espírito que simboliza, prefigura, manifesta, representa e proclama os valores do Reino (LG 44).

Dom do Espírito, a Vida Religiosa é dinamismo, busca, processo sempre inacabado, abertura ao imprevisível de Deus e de sua atuação na história. Por isso mesmo, nenhuma forma histórica ou “modelo” de concretização desse dom poderá ter a pretensão de identificar-se de tal maneira com o que a Vida Religiosa é na sua mais substancial identidade, que possa querer considerar-se definitivo. Aceitar essa verdade, supõe saber discernir na história, os sinais da *novidade* que o Espírito está sempre suscitando na comunidade eclesial, fazendo romper esquemas preestabelecidos e definidos de antemão. Significa ainda a recusa a permitir que esse dom seja aprisionado em estruturas rígidas e formas arcaicas de expressão, o que supõe alijar o medo e a insegurança ocultos num pseudo afã de fidelidade. Nessa perspectiva, quanto mais a Vida Religiosa hoje se deixar guiar pelo Espírito, quanto mais se reconhecer dom gratuito do Espírito, tanto mais incisivo será seu testemunho no mundo, tanto mais profética, a sua missão, tanto mais

anunciadora de esperança a sua presença entre os pequenos e excluídos.

Convergência quer, neste número, propiciar aos leitores a oportunidade de refletir pessoal e comunitariamente sobre a qualidade do seu seguimento de Jesus, oferecendo-lhes uma série de artigos especialmente sugestivos e questionadores.

Nilo Agostini, OFM, no seu artigo – “Ecologia e Vida Consagrada: Por um testemunho ético-profético” – oferece aos leitores uma reflexão particularmente oportuna e interessante sobre a candente questão da ecologia no mundo atual. O ângulo de abordagem da questão é o do testemunho ético-profético que a Vida Consagrada está chamada a dar na sociedade consumista e predatória de hoje. Para o autor, a Vida Consagrada não pode estar alheia à crise ecológica que se alastra rapidamente, pois é a própria civilização moderna que está sendo posta em xeque por essa crise. Ao longo do artigo são tratadas questões realmente desafiadoras para a consciência ética da Vida Consagrada, tais como: – a tomada de consciência da crise; – a “nova ética” que capta o universo como “rede”; os seres vivos como parceiros na “dança cósmica”; – o apelo ético em defesa da criação; a realização crescente do Reino de Deus; o gnito profético. O texto conclui transcrevendo princípios da “Carta da Terra” e augurando o advento de uma nova perspectiva ética, fundada numa visão planetária da humanidade.

O artigo “Novas gerações e Vida Religiosa”, de Antônio Aparecido da Silva, fdp, é um texto singularmente atual e relevante para ordens e congregações religiosas hoje. O assunto “novas gerações” vem se transformando nos últimos anos em objeto de preocupação e de intercâmbio nos ambi-

entes de Vida Consagrada, dada a sua complexidade e seu caráter de urgência. Foi para atender à demanda de abertura de perspectivas e caminhos nessa questão particularmente vital, que a CRB fez acontecer em 2003 um rico simpósio, antecedido por uma pesquisa por amostragem, onde a temática foi amplamente debatida numa abordagem interdisciplinar. O texto de Antônio Aparecido não é um relatório do referido simpósio, nem um texto conclusivo, como diz o autor. É, antes, um texto pro-vocador, uma espécie de *aperitivo*, que motive religiosos e religiosas a continuar aprofundando tal temática. Para isso, o texto se articula em quatro grandes eixos: – *novas gerações*, um desafio permanente; – *quê estamos entendendo por novas gerações na Vida Religiosa?* – *novas gerações* e desafios da hora presente; – *geração* refundação. Em cada um dos quatro eixos o autor desenvolve aspectos de peculiar importância e pertinência. O artigo está escrito com mordência e propriedade; é questionador e está perpassado de esperança. Merece ser lido, meditado e debatido com particular interesse nas comunidades.

O artigo – “A mulher escondida na freira” – de Teresinha Dorigon Vieira, é um texto sugestivo e atual que tem como objetivo suscitar e iluminar a reflexão sobre a identidade feminina dentro da instituição Vida Religiosa. O artigo foi escrito a partir dos dados obtidos através do diálogo com algumas religiosas de diferentes congregações. Aborda a questão dos “saberes construídos sobre o feminino”, traçando breves pinceladas históricas e buscando esclarecer conceitos básicos dessa temática. Num segundo momento, a autora procede a uma análise da fala das religiosas entrevistadas. Articula

sua análise em três eixos: – a instituição e o discurso religioso; – *jeito* de freira; – trabalho/missão. Nessa análise, são destacadas questões interessantes sobre a maneira como a identidade feminina é focalizada na Vida Religiosa, as dificuldades que persistem na abordagem dessa questão, os *tabus* já superados e aqueles que ainda precisam ser enfrentados. A autora conclui dizendo que o texto manifesta o empenho de “repensar o feminino na Vida Religiosa, tentando entender, através das falas, o que se passa no íntimo das pessoas”. Através dessas falas, a autora diz ter obtido algumas respostas aos seus interrogantes, mas que muitas questões ainda permanecem em aberto.

“Espiritualidade da mesa, da refeição e da festa”, de Marcelo Carlos da Silva é um sugestivo texto que visa ajudar os leitores a descobrir as raízes da Eucaristia na própria mesa, na refeição e na festa. Segundo o autor, “antes de Jesus instituir a Eucaristia como expressão de amor, serviço e partilha, ela já era prefigurada por homens e mulheres que descobriram na mesa o melhor jeito de se encontrarem para celebrar a vida”. O autor tece comentários interessantes sobre a espiritualidade e a mística da mesa de refeição, sobre a sua força simbólica, sobre o seu significado mais denso e os desafios que ela expressa. Refere-se ainda à relação do ser humano com a refeição e a festa como lugares de encontro, de desafio à unidade perdida e de comum-união. A questão da mesa de refeição e da festa nas comunidades religiosas é desenvolvida como pro-vocação a um estilo de vida mais fraterno e mais jovial, que permita aos religiosos e religiosas ser testemunhas proféticas das realidades mais profundas prefiguradas na mesa de refeição e de festa.



Palavra do Papa

Mensagem do Papa João Paulo II na XIX Jornada Mundial da Juventude celebrada em Roma no Domingo de Ramos, 4 de abril

«Queremos ver Jesus» (Jo 12,21).

Caríssimos jovens

1. O ano de 2004 constitui a última etapa antes do grande encontro de Colônia onde, em 2005, será celebrada a XX Jornada Mundial da Juventude. Por conseguinte, convido-vos a intensificar o vosso caminho de preparação espiritual, aprofundando o tema que escolhi para esta XIX Jornada Mundial da Juventude: «Queremos ver Jesus» (Jo 12,21).

Este foi o pedido que alguns «gregos» dirigiram um dia aos Apóstolos. Eles queriam saber quem era Jesus. Não se tratava simplesmente de uma abordagem para saber como é que o homem Jesus se apresentava. Impelidos por uma grande curiosidade e pelo pressentimento que teriam encontrado uma resposta às suas expectativas fundamentais, queriam saber quem Ele era verdadeiramente e de onde vinha.

2. Estimados jovens, convido-vos também a vós, a imitar aqueles «gregos», que se dirigiram a Filipe, suscitados pelo desejo de «ver Jesus». A vossa busca não seja

motivada simplesmente por uma curiosidade intelectual, que por si só já é um valor, mas seja estimulada sobretudo pela exigência íntima de encontrar a resposta à interrogação acerca do sentido da vossa vida. À maneira do jovem rico do Evangelho, procurai também vós Jesus, para lhe levantar esta pergunta: «O que devo fazer para ter a vida eterna?» (Mc 10,17). O Evangelista Marcos especifica que Jesus olhou para ele com amor. Pensai inclusivamente naquele outro episódio, em que Jesus diz a Natanael: «Antes que Filipe te chamasse, Eu te vi, quando estavas debaixo da figueira», haurindo do coração daquele israelita em quem não havia falsidade (cf. Jo 1,47-48), uma bonita profissão de fé: «Rabi, Tu és o Filho de Deus!» (Jo 1,49). Aquele que se aproxima de Jesus com o coração livre de preconceitos pode chegar muito facilmente à fé, porque é o próprio Jesus que já o viu e amou primeiro. O aspecto mais sublime da dignidade do homem encontra-se exatamente na sua vocação a comunicar-se com Deus, neste pro-

ção do rosto de Cristo não pode inspirar-se senão naquilo que se diz dele na Sagrada Escritura» (*Novo millennio ineunte*, 17).

3. Diletos jovens, desejais também vós contemplar a beleza desta Face? Eis a pergunta que vos apresento, nesta Jornada Mundial da Juventude do ano de 2004. Não respondais com demasiada pressa. Em primeiro lugar, fazei-o dentro de vós mesmos, em silêncio. Deixar emergir das profundezas do coração este ardente desejo de ver Deus, um desejo às vezes sufocado pelos ruídos do mundo e pelas seduções dos prazeres. Deixai que sobressaia este desejo e vivereis a experiência maravilhosa do encontro com Jesus. O cristianismo não é simplesmente uma doutrina; é um encontro na fé com Deus, que se tornou presente na nossa história, com a encarnação de Jesus.

4. Ver Jesus, contemplar o seu Rosto, é um desejo insuprimível, mas um desejo que, infelizmente, o homem consegue deformar. É o que acontece com o pecado, cuja essência se encontra precisamente em afastar os olhos do Criador, voltando-os para a criatura.

Aqueles «gregos» em busca da verdade não poderiam aproximar-se de Cristo, se o seu desejo, animado por um ato livre e voluntário, não se tivesse concretizado numa decisão clara: «Queremos ver Jesus». Ser verdadeiramente livre significa ter a força de escolher Aquele para quem fomos criados e aceitar o seu senhorio sobre a nossa vida. Senti-o nas profundezas do vosso coração: todos os bens da terra, todos os bons êxitos profissionais e o próprio amor humano com que sonhais jamais poderão satisfazer completamente as vossas expectativas mais íntimas e profundas. Somente o encontro com Jesus poderá dar sentido pleno à vossa vida: «Criastes-nos para Vós [ó Senhor], e o nosso coração está inquieto, enquanto não descansar em Vós», escrevia Santo Agostinho (*Confissões*, I, 1). Não vos deixeis distrair nesta busca. Perseverai nela, porque aquilo que está em jogo é a vossa plena realização e a vossa alegria.

5. Caros amigos, se aprenderdes a descobrir Jesus na Eucaristia, sabereis descobri-lo também nos vossos irmãos e irmãs, em particular nos mais pobres. E Eucaristia recebida com amor e adorada com fervor torna-se escola de liberdade e de caridade para realizar o mandamento do amor. Jesus fala-nos na linguagem maravilhosa do dom de si e do amor até ao sacrifício da

Procurai tomar possível este encontro com todos os meios, contemplando Jesus que vos procura apaixonadamente. Procurai-O *com os olhos da carne*, através dos acontecimentos da vida e do rosto dos outros; mas procurai-O também *com os olhos da alma*, por intermédio da oração e da meditação da Palavra de Deus, uma vez que «a contempla-

CONVERGÊNCIA

própria vida. É um tema fácil? Não, vós bem o sabeis! O esquecimento de si não é fácil; ele distrai do amor possessivo e narciso, para abrir o homem à alegria do amor que se entrega. Esta escola eucarística de liberdade e de caridade ensina a ultrapassar as emoções superficiais, para se arraigar solidamente naquilo que é verdadeiro e bom; liberta do egoísmo pessoal, dispondo para a abertura aos outros; e ensina a passar de um amor *afetivo* a um amor *efetivo*, porque amar não é apenas um sentimento, mas um ato de vontade, que consiste em preferir de maneira constante o bem do próximo ao bem pessoal: «Não existe amor maior do que dar a vida pelos amigos» (Jo 15,13).

É com esta liberdade interior e esta caridade ardente que Jesus nos educa para O encontrar nos outros, em primeiro lugar no rosto desfigurado do pobre. A Beata Teresa de Calcutá gostava de distribuir o seu «cartão de visita», onde estava escrito: «O fruto do silêncio é a oração, o fruto da oração é a fé, o fruto da fé é o amor, o fruto do amor é o serviço e o fruto do serviço é a paz». Este é o caminho para o encontro com Jesus. Ide ao encontro de todos os sofrimentos humanos, com o impulso da vossa generosidade e com o amor que Deus infunde nos vossos corações, através do Espírito Santo: «Eu garanto-vos: todas as vezes que fizestes isto a um dos menores dos meus irmãos, foi a mim que o fizestes» (Mt 25,40). O mundo tem necessidade urgente do grande sinal profético da caridade fraterna! Com efeito, não basta «falar» de Jesus; é necessário também fazer com que Ele seja «visto», com o testemunho eloqüente da vida pessoal (cf. *Novo millennio ineunte*, 16).

E não esqueçais de buscar Cristo e de reconhecer a sua presença *na Igreja*. Ela é como que o prolongamento da sua ação salvífica no tempo e no espaço. É nela e por intermédio dela que Jesus continua a tornar-se visível hoje e a fazer-se encontrar pelos homens. Nas vossas paróquias, movimentos e comunidades, sede hospitaleiros uns para com os outros, em ordem a fazer crescer a comunhão entre vós. Este é o sinal visível da presença de Cristo na Igreja, apesar do diafragma opaco que muitas vezes é interposto pelo pecado dos homens.

6. Além disso, não vos surpreendais se, ao longo do vosso caminho, encontrardes a Cruz. Jesus não disse, porventura, aos seus discípulos que o grão de trigo deve cair na terra e morrer para poder dar muito fruto (cf. Jo 12,23-26)? Assim, Ele indicava que a sua vida entregue até à morte seria fecunda. Como já sabeis, depois da ressurreição de Cristo, a morte nunca mais terá a última palavra. O amor é mais forte que a morte. Se Jesus aceitou morrer na cruz, fazendo dela o manancial da vida e o sinal do amor, não foi por debilidade, nem pelo gosto de sofrer. Foi para nos alcançar a salvação e para nos tornar desde já participantes da sua vida divina.

É precisamente esta a verdade que desejei recordar aos jovens do mundo, quando lhes entreguei uma grande Cruz de madeira, no termo do Ano Santo da Redenção, em 1984. Desde então, ela percorreu diversos países, em preparação para as vossas Jornadas Mundiais. Centenas de milhares de jovens rezaram em redor daquela Cruz. Depositando aos seus pés os fardos que os sobrecarregavam, descobriram que são amados por Deus, e muitos deles encontraram inclusivamente a força para mudar de vida.

No corrente ano, no XX aniversário deste acontecimento, a Cruz será recebida solenemente em Berlim, a partir de onde, peregrinando através de toda a Alemanha, no ano vindouro chegará a Colônia. No dia de hoje, desejo repetir-vos as palavras que pronunciei nessa ocasião: «Caros jovens... confio-vos a Cruz de Cristo! Levai-a pelo mundo como sinal do amor do Senhor Jesus pela humanidade e anunciai a todos que não existe salvação nem redenção, a não ser em Cristo morto e ressuscitado».

7. Os vossos contemporâneos esperam de vós que sejais as testemunhas daquele que encontrastes e que vos faz viver. Na realidade da vida quotidiana, tornai-vos testemunhas intrépidas do amor, que é mais forte que a morte. Compete-vos a vós enfrentar este desafio! Ponde os vossos talentos e o vosso ardor juvenil ao serviço do anúncio da Boa Nova. Sede os amigos entusiastas de Jesus, que apresentam o Senhor a quantos desejam vê-lo, sobretudo a quantos se encontram mais afastados dele. Filipe e André conduziram aqueles «gregos» até Jesus: Deus serve-se da ami-

zade humana para orientar os corações rumo à nascente da caridade divina. Senti-vos como que responsáveis pela evangelização dos vossos amigos e de todos os vossos coetâneos.

A Bem-Aventurada Virgem Maria, que durante toda a sua vida se dedicou de maneira assídua à contemplação do Rosto de Cristo, vos conserve incessantemente sob o olhar do seu Filho (cf. *Rosarium Virginis Mariae*, 10) e vos ajude na preparação da Jornada Mundial da Juventude em Colônia, para a qual vos convido a olhar desde já com entusiasmo responsável e efetivo. A Virgem de Nazaré, como Mãe atenta e paciente, forjará em vós um coração contemplativo e ensinar-vos-á a fixar o olhar em Jesus para que, neste mundo que passa, sejais profetas do mundo que não perece.

Com afeto, concedo-vos uma especial Bênção, que vos acompanhe ao longo do vosso caminho.

Vaticano, 22 de fevereiro de 2004

Joannes Paulus II

“Não existe amor maior do que dar a vida pelos amigos”

(Jo 15,13)



1. Conferência dos Religiosos do Brasil – 50 anos

A CRB completou 50 anos. Dois anos atrás a CNBB também havia feito a comemoração do seu cinquentenário, promovendo um grande Seminário sobre o significado da instituição no contexto da Igreja e da sociedade brasileira. Agora foi a vez da CRB comemorar a sua fundação. Para isso a sua Diretoria nacional promoveu, de 26 a 28 de fevereiro passado, um Seminário sobre a **"Memória histórica dos 50 anos"**, na casa de Encontros SS. Trindade, Belo Horizonte. O evento foi presidido pela Ir. Maris Bolzan, SDS, a primeira mulher à frente da CRB, como presidente, em seus 50 anos de história. Ao todo éramos cerca de 50 participantes, dentre os quais um bom número dos que fizeram a história da CRB.

A proposta do Seminário se insere no projeto mais amplo de publicação dos principais textos da CRB nos seus 50 anos de animação da Vida Religiosa, para que os leitores possam apreciar os caminhos percorridos, os impasses e desafios, os ganhos da caminhada. Dentro desse projeto maior, o Seminário teve o objetivo de "retomar as grandes linhas, os pontos de força e os marcos destes 50 anos de caminhada conjunta com a Igreja, o nosso país e o povo...; refletir, agradecer, pedir perdão e apontar rumos...", pois, "as lições do passado não podem ser arquivadas

ou esquecidas pelas 'novas gerações' que chegam". As contribuições do Seminário serão publicadas juntamente com os principais textos da CRB nos 50 anos de sua existência.

O enunciado do tema geral do Seminário – Memória histórica dos 50 anos da CRB – tinha um subtítulo que lhe indicava a direção: **"uma leitura histórico-teológica"**. Pretendia-se, desta forma, não apenas mostrar os passos históricos da CRB, mas sobretudo encontrar o fio condutor, que dá sentido à sua história. Os trabalhos se desenvolveram em três partes.

A **primeira parte**, num olhar retrospectivo, se destinava diretamente à leitura histórico-teológica dos 50 anos da CRB. Os 50 anos foram divididos em três fases:

Primeira fase: dos **"Primórdios e Alicerces – 1954-1965"**, parte desenvolvida pela Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI, na manhã de 26/02. Ela ressalta que, nesses inícios, a CRB se organizou mais orientada para prestação de serviços, inclusive financeiros, às províncias religiosas, sob o impulso empreendedor de seu primeiro Secretário Geral, Pe. Irineu Leopoldino de Souza, SDB. Mais tarde, a partir de 1959, com o novo Secretário Geral Pe. Tiago Cloin, CSSR, ela começou a se orientar mais na direção da pastoral. Nesse período crescem o entro-

samento com a CNBB, a participação na pastoral e, enfim, a consciência eclesial.

Segunda fase: já **“Sob o Signo do Concílio Vaticano II – 1965-1979”**, apresentada por Pe. Cleto Caliman, SDB, na tarde de 26/02. Esse período teve a forte e decisiva atuação do Pe. Marcello Azevedo, SJ, em três mandatos sucessivos como presidente da CRB. Em síntese, nessa fase, a Vida Religiosa estabelece uma nova relação com o mundo pluralista e conflitivo, uma nova relação com o povo de Deus e renova-se na experiência de Deus a partir dos pobres, através de uma nova práxis na Igreja e na sociedade.

A terceira fase sobre a **“Reflexão teológica sobre a Vida Consagrada – 1980-2000”**, ficou a cargo de Pe. João B. Libânio, SJ, no dia 27/02. Na década de 80 a VR torna-se mais libertadora e tematiza duas grandes rupturas: primeiro, deixa para trás formas pré-modernas de VR e entra para a modernidade na valorização da pessoa, no seu modo de viver em comunidades fraternas e no agir pastoral; segundo, com a experiência de comunidades inseridas, entre outras, a VR encontra um novo “lugar social” a partir dos pobres. Na década de 90 a VR no Brasil e a CRB buscam coerência no compromisso com os pobres, clareza sobre sua missão profética em contexto de exclusão social, lucidez na busca de uma evangelização inculturada. Não embarcou nem na onda neo-conservadora nem na onda espiritualista atual.

A segunda parte dos trabalhos visou fazer um balanço dos 50 anos, identificando os “gargalos” e os novos desafios para o futuro. Foi a tarefa do dia 27/02 à tarde. Pe. Edênio Valle, SVD, introduz o tema **“Passagens e Encruzilhadas”**. Segundo ele, a renovação conciliar chegou a um impasse já no final da

década de 70. Estamos agora diante de novos desafios. Ele aponta alguns deles, a serem enfrentados com coragem: 1) o desafio da missionariedade da VR; 2) o desafio de “deseuropeização” da Igreja e da VR na direção das novas Igrejas da periferia na América Latina, na África e na Ásia; 3) o desafio do leigo na VR, que exige novos espaços; 4) o desafio da espiritualidade, em busca de suas raízes numa renovada experiência de Deus.

Por fim, a terceira parte foi tarefa do historiador. Na manhã do dia 28 pudemos ouvir a contribuição do Frater Henrique C. J. Matos, CFMM: **“Esboço da Caminhada histórica – Questionamentos”**. Depois de percorrer rapidamente a história da VR no Brasil, ele apresentou alguns questionamentos da VR hoje. Por um lado, estão os impasses entre o discurso e a vida, a linguagem e a prática, a inspiração do Concílio e as novas gerações que entram para a VR. Por outro, a solução não se coloca numa volta atrás, numa restauração da VR pré-conciliar ou coisas que tais, mas na recolocação dos fundamentos da VR hoje naquilo em que ela é sempre original: na experiência de Deus no cotidiano, nas contradições da vida; na aprendizagem da convivência com os irmãos, partilhando vida e bens; no serviço da gratuidade a partir do lugar social do pobre e do lugar eclesial do povo de Deus.

O seminário chegou a seu termo com uma boa lista de proposições que o plenário aprovou como indicações para a CRB, no intuito de passar adiante a “memória dos 50 anos”, como forma de educar nosso olhar para o futuro. Assim, a história da CRB poderá ser “mestra” das futuras gerações de religiosos e religiosas no Brasil!

Pe. Cleto Caliman, SDB

2. Mensagem da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil à Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) por ocasião do Jubileu de Ouro

Caros irmãos e irmãs religiosos do Brasil,

É com imensa alegria e gratidão que nós, Bispos do Brasil, reunidos em nossa 42ª Assembléia Geral, saudamos a todos vós, religiosos e religiosas do Brasil, neste significativo Jubileu de Ouro de vossa Conferência. “*Eis que faço novas todas as coisas*” (Ap 21,5) é palavra inspiradora da celebração jubilar. Esta palavra vos convoca a viver com renovada confiança e total disponibilidade o seguimento de Jesus, na vivência dos conselhos evangélicos, segundo a inspiração de vossos Fundadores e Fundadoras, na riqueza e diversidade dos carismas, a serviço do Reino de Deus.

Neste Jubileu, queremos ressaltar, inicialmente, a estreita e permanente colaboração entre a CRB e a CNBB, em profundo espírito eclesial e testemunho evangélico. Este testemunho de comunhão e de fraterna colaboração é grande legado de amor à Igreja e à causa do Reino.

Conscientes da pertença intrínseca da Vida Consagrada à santidade e missão da Igreja (Cf. LG, 44), queremos reafirmar, com reconhecimento e fraternidade, nosso apreço pela importante contribuição que dais à Igreja no Brasil. Ao longo dos anos, a presença de religiosos e religiosas foi de dedicação incansável e busca constante de fidelidade, nos mais variados campos de atuação: ensino e educação, saúde, catequese, serviços paroquiais, diálogo

ecumênico e inter-religioso, pastorais específicas, assistência social, formação de lideranças, promoção humana, comunicação social, frentes missionárias no Brasil e nas missões *ad gentes*.

Agradecemos a presença e atuação de centenas de religiosos e religiosas que, em missão pelo mundo, inclusive junto aos brasileiros emigrados, realizam em suas vidas a vocação missionária, reafirmando essa dimensão essencial à vida da Igreja. Reconhecemos o valor inestimável do testemunho de tantos religiosos e religiosas, inseridos no meio do povo, nos mais diversos rincões de nosso imenso País. Sua vida de entrega e serviço, sobretudo aos mais empobrecidos, é um anúncio vivo do Evangelho. Louvamos seu esforço empreendido na formação de lideranças nas comunidades eclesiais rurais e urbanas, bem como na educação da fé e formação humana de crianças, jovens e adultos.

Destacamos com alegria a doação, criatividade e profetismo de tantas mulheres consagradas. Sua presença, cada vez mais qualificada, é serviço de relevante valor para a Igreja, no universo da missão, no campo das ciências teológicas e humanas e na formação em Seminários.

Fazemos especial menção à presença da Vida Religiosa contemplativa, através de expressivo número de institutos masculinos e femininos espalhados pelo Brasil. O testemunho de sua consagração, presença

apostólica e preces de intercessão e de louvor dirigidas ao Pai estimulam e dão forças a todos os operários da messe do Senhor.

Vossa missão, como Conferência, é animar os Institutos Religiosos, articular a entre-ajuda e servir à Vida Religiosa, proporcionando-lhe oportunidades de formação, de aprofundamento e atualização dos respectivos carismas, de crescimento nas dimensões da espiritualidade, da vida comunitária e da missão. Deste modo, a CRB estimula os mesmos Institutos a realizarem e viverem o que recomenda o Concílio Vaticano II: *"A conveniente renovação da vida religiosa comporta uma volta constante às fontes de toda a vida cristã, à inspiração original de cada um dos institutos religiosos e à sua adaptação às condições dos tempos que mudaram"* (PC, 2). Nos religiosos e religiosas *"a consagração batismal é levada a uma resposta radical no seguimento de Jesus Cristo, assumindo os conselhos evangélicos (...), exprimindo, de forma muito viva, o caráter trinitário da vida cristã, da qual antecipa de algum modo, a realização escatológica, para onde tende a Igreja inteira"* (VC, 14).

Atenta aos sinais dos tempos e às interpelações do Espírito, a vossa Conferência, em seu zeloso caminhar, tem promovido a reflexão, o aprofundamento e o estudo do sentido da Vida Religiosa e de sua atualização na vivência da vocação profética e missionária, na fidelidade constante ao Evangelho e à Igreja. Nessa perspectiva, tem proporcionado à Vida Consagrada inestimável inspiração e constante ajuda, para que esta trilhe o caminho da renovação profunda na fidelidade ao carisma fundacional e à realidade na qual está inserida. Tem, também, ajudado os Insti-

tutos Religiosos na busca de caminhos novos de evangelização, no anúncio e testemunho da fé, em muitos casos com o sacrifício da própria vida pelo martírio, no serviço aos irmãos, na defesa da dignidade da pessoa humana: de seus direitos e na promoção da vida, em projetos de solidariedade, assumidos na cooperação intercongregacional. De tudo isto, somos testemunhas!

O surgimento de novas formas de Vida Consagrada é um sinal dos tempos, em cujo acompanhamento, discernimento e estímulo tem papel importante a CRB, junto com nossa missão de pastores.

Queremos agradecer a Deus pelo esforço de entrosamento de religiosos e religiosas nas Igrejas Particulares, fonte de enriquecimento recíproco. Contamos com essa colaboração, que se tornou valiosa ocasião de crescimento para o povo de Deus e ganhos para o Reino.

Suplicamos a presença do Espírito Santo para que Vida Religiosa continue fiel à sua vocação profética e não lhe faltem a audácia evangélica e a coragem missionária em face aos grandes desafios do nosso tempo, marcado por tantas divisões, perplexidades, injustiças e exclusões. Fazemos votos que vosso generoso testemunho desperte nova primavera vocacional na Igreja.

Permiti-nos, neste contexto jubilar, sublinhar a recomendação do Santo Padre *"Vós não tendes apenas uma história gloriosa para recordar e narrar, mas uma grande história a construir. Olhai o futuro, para a qual vos projeta o Espírito, a fim de realizar convosco ainda grandes coisas"* (VC 110a).

Contamos com vosso entusiasmo e ação para que, na linha das Diretrizes Gerais da

Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, participeis intensamente na realização do Projeto Nacional de Evangelização "Queremos ver Jesus – Caminho, Verdade e Vida". Renovamos o apelo a uma presença cada vez maior em frentes missionárias no interior do Brasil, em particular na Amazônia, e além-fronteiras. Uma resposta generosa a este chamado à missão seja a marca de vosso Jubileu.

Queridos irmãos e irmãs religiosos, sede artífices desse novo tempo, acreditando na irradiação do testemunho, na urgência da profecia e na força da esperança.

Que Nossa Senhora, invocada carinhosamente com o título de Conceição Aparecida, vos acompanhe neste Ano Jubilar para viver intensamente este tempo de graça, de memória e de compromisso. Sua palavra – *"fazei tudo o que Ele vos disser"* (Jo 2,5) – continue inspirando a Vida Religiosa no Brasil, para viverdes com alegria e entusiasmo o discipulado, no seguimento de seu Filho Jesus.

A todos vós, irmãos e irmãs, nosso fraterno apreço e bênção.

Itaici, 27 de abril de 2004

“A consagração batismal é levada a uma resposta radical no seguimento de Jesus Cristo, assumindo os conselhos evangélicos (...),”

3. Sessão Comemorativa - Homenagem da CNBB para a CRB Jubilar

Palavras da Presidente Nacional da CRB

IR. MARIS BOLZAN, SDS

Eminentíssimo Sr. Cardeal, Dom Geraldo Majella Agnelo, em cuja pessoa saúdo a Presidência da CNBB e CONCEP, digníssimos integrantes da mesa: D. Anuar Batistti, membros da Diretoria Nacional da CRB, Presidente da Regional de São Paulo, Vice-Presidente da Regional de Brasília. Caríssimos Senhores Bispos, Presidentes dos Organismos Eclesiais, Assessoras e Assessores, Presbíteros, Religiosas/os, Diáconos, Leigos/os presentes.

Primeiramente, quero manifestar nosso sincero agradecimento por essa homenagem à CRB Jubilar. Entendemos abertura desse espaço no cronograma da 42ª Assembléia Geral, como expressão do apreço da CNBB pela CRB e, conseqüentemente, a valorização e estima de nossos Pastores pela Vida Religiosa Consagrada no Brasil.

Desde julho de 2003, a CRB vem celebrando o jubileu de ouro de sua fundação o qual terá sua culminância em julho de 2004, na XX Assembléia Geral. Este tempo de graça tem sido propício para fazermos a memória do caminho percorrido, da história construída, dos obstáculos superados, do compromisso, da perseverança e audácia criadora. Como "discípula", a CRB olha para o *passado* para agradecer, aprender e retomar a aliança; *acolhe o presente* reavivando o diálogo entre Carisma e realidade – abrindo-se, com nova sensibilidade, às interpelações – e

sonda o horizonte do futuro com realismo, sonho e firmeza. A memória dos 50 anos nos reporta à trajetória da fundação e à missão solidária que pela causa da evangelização estabeleceu a apostólica cumplicidade entre as duas Conferências, desde suas origens. As testemunhas e protagonistas das primeiras horas, bem como os documentos disponíveis, dizem que, a *década de 50* foi um tempo favorável, um período de otimismo e que o surgimento das duas Conferências mostrava algo novo acontecendo na Igreja e na Vida Religiosa do Brasil. A CRB nasceu como resultado do I Congresso Nacional de Religiosos e Religiosas realizado no Rio de Janeiro em fevereiro de 1954. Ambas as Conferências com objetivos semelhantes: a CNBB buscava maior relacionamento entre os bispos e maior organização pastoral – a CRB procurava unir os esforços dos Institutos Religiosos nos assuntos comuns, oportunizando maior aproximação e articulação e fomentando oportuna cooperação com a CNBB.

Superadas algumas divergências iniciais, as duas Conferências prosseguiram a caminhada em estreita colaboração, somando forças em vista da missão comum, dando origem desta forma, às ações conjuntas (INC, CERIS, SCAI, IBRADES...). Em resposta aos apelos do Concílio Vaticano II, as

duas Instituições se irmanaram em esforços profundos para responder aos desafios e às interpelações daquele momento que iria posteriormente balizar toda a ação da Igreja e da Vida Religiosa. Com a mesma tenacidade e em espírito de comunhão, a Vida Religiosa assumiu com a CNBB e com toda a Igreja no Continente as inspiradas e proféticas conclusões de Medellín. A evangélica e preferencial opção pelos pobres, proposta pelo episcopado em Puebla, foi e continua sendo assumida pela Vida Religiosa com grande empenho, caracterizando assim, a sua inserção no meio do povo.

Hoje, cresce a consciência de que os grandes desafios do mundo globalizado devem ser enfrentados através da união de forças. A integração vai se alicerçando no aprofundamento do diálogo persistente que constrói as mútuas relações, em vista da comunhão. Assim, surgem as parcerias entre CRB e CNBB, como um caminho para intensificar a presença evangelizadora, enfatizando o *testemunho profético e a solidariedade*, em iniciativas e projetos missionários como o Timor Leste, Evangelização para a Amazônia, o Projeto Solidário Latino-americano e Caribenho. Com o mesmo caráter de colaboração, a CRB é convidada a participar dos encontros da CONSEP, do Conselho Permanente e organismos como COMINA e outros.

Freqüentemente, é solicitada a dar a sua contribuição em eventos eclesiais, fazendo-o com esmero, na disponibilidade e na alegria de servir. Se por um lado, a Vida Religiosa não pode viver alheia e desatenta ao ritmo pastoral evangelizador da Igreja local, também não pode abdicar-se de sua originalidade essencialmente evangélica e do genuíno espírito profético que a caracteriza. Hoje, mais do que nunca, é chamada a ocupar seu lugar eclesial e social, isto é, a “vanguarda crítica” – ser presença que interpela, inquieta, anima. A CRB prossegue na fidelidade a esse dom carismático do Espírito à Igreja, persistindo em guardar seu modo próprio de ser no meio do Povo de Deus.

Encerrando essas breves palavras, quero expressar a alegria por essa oportunidade privilegiada para uma partilha sobre a vida da CRB inserida no contexto eclesial e suas relações com a CNBB. Não é mera coincidência, mas graça, poder fazê-lo no momento também privilegiado em que, contemplando o seu passado, redimensionando o presente para projetar um futuro à luz da **Palavra de Deus**, escolhemos por tema do Jubileu: “**CRB 50 anos – Testemunho – Profecia e Esperança**”.

*Ir. Maris Bolzan, SDS
Presidente Nacional da CRB*

Ecologia e Vida Consagrada: por um testemunho ético-profético

FREI NILO AGOSTINI, OFM

Introdução

A Vida Consagrada é um dom do Espírito depositado no coração da Igreja para o serviço do mundo. Ela é chamada a cultivar os valores do Reino de Deus numa sintonia com os desígnios de Deus. Esta sintonia realiza-se na escuta atenta dos apelos de Deus e dos seus "desígnios" e "sinais" no seio da história humana. Existe aí um dinamismo unitário que se funda num enraizamento que é feito para dentro da história e, ao mesmo tempo, no próprio Deus. Não há dicotomias ou dualismos. A partir da fé, realiza-se o encontro com Deus, elemento fundante, e a experiência de todas as coisas contempladas à luz de Deus.

Hoje, diante do desafio ecológico, a Vida Consagrada sente ser seu também o desafio de penetrar no fundo da natureza/ecologia e nela entrever os traços do mistério último de Deus. Infelizmente, entrevê uma comunhão (Deus-ser humano-natureza) ferida por um grande desequilíbrio, fruto da intervenção depredadora do próprio ser humano. Depara-se com uma ferida que

sangra. A natureza está dando sinais claros de ruptura de um equilíbrio que custou bilhões de anos para se estabelecer, tempo durante o qual foi preparado o ninho que abriga/acolhe a vida.

A Vida Consagrada não pode estar alheia à crise ecológica que se alastra rapidamente; esta coloca, inclusive, o próprio ser humano em questão. A crise revela a interação entre *ser humano, sociedade e meio ambiente*; a sua abrangência é humano-sócio-ambiental. Nossa própria civilização moderna está sendo posta em xeque, pois sua "lógica" cruel corrói o equilíbrio vital que sustenta a natureza toda. Busca desenfreada de lucro, sede voraz de posse, extinção acelerada de espécies, desmatamentos descontrolados, emissão elevada de gases, uso abusivo de agrotóxicos, poluição de todo tipo são alguns exemplos da interferência do ser humano "moderno" na criação.

O ser humano sente a urgência de seguir hoje os caminhos que uma "nova ética" aponta para que ele possa colocar-se

na criação numa atitude participativa e de cuidado responsável, sem rupturas comprometedoras. A Vida Consagrada, situada no coração da Igreja e colocada a serviço da humanidade, sente-se interpelada a testemunhar os valores da fraternidade, da comunhão e da partilha como elementos indispensáveis para o surgimento de uma "nova ordem" ante a criação que "geme e clama por libertação" (cf. Rm 8,22).

1. A preocupação ecológica

Um dos aspectos positivos de nosso tempo é a crescente "consciência dos limites dos recursos disponíveis e da necessidade de respeitar a integridade e os ritmos da natureza e de os ter em conta na programação do desenvolvimento, em vez de sacrificá-los a certas concepções demagógicas do mesmo. É, afinal, aquilo a que se chama hoje *preocupação ecológica*"¹.

1.1. Tomada de consciência

Estamos tomando consciência de que o ser humano pode investir-se de maneira destrutiva contra a natureza e contra si mesmo, produzindo um verdadeiro colapso ecológico e humano. A tecnificação da existência, própria da civilização moderna, pode "danificar, de forma irreversível, a natureza e o próprio ser humano"². Hoje, possuímos os meios para extinguir todas as formas de vida de nosso planeta, destruindo-o por completo.

A natureza costuma ter regras próprias

que precisam ser respeitadas; elas expressam a regularidade com a qual se estabelecem as interconexões num concerto entre os mais diferentes elementos. A partir desta estrutura própria, derivam leis que a natureza segue e são a garantia de sua e nossa estabilidade. O conhecimento científico teria a tarefa de decifrar e exprimir estas leis para que o ser humano pudesse segui-las, respeitá-las e até reforçá-las.

No entanto, este conhecimento científico acabou sendo instrumentalizado para interferir na natureza; para isso, foi desenvolvido todo um saber *instrumental*. Fomos treinados a sermos *fazedores* de coisas, valorizando apenas o que é *útil*. Além disso, adotamos um procedimento *analítico*, que analisa a natureza em sua divisibilidade, ou seja, por fragmentos; conhecemos a natureza por pedaços e dela nos aposamos aos pedaços. E desenvolvemos padrões de *quantificação*, a tal ponto que tudo é medido pela eficiência, quantificado por cálculos, em busca de resultados, tendo que dar lucro.

"Destituída de fins intrínsecos a si mesma, a natureza se torna o receptáculo dos fins que o ser humano, enquanto sujeito, engendra e 'fenomenaliza' através de uma ação que consiste em inscrever seus fins na natureza agora reduzida a objeto"³.

Manipulável pelo sujeito (ser humano),

¹ JOÃO PAULO II, *Carta encíclica Sollicitudo Rei Socialis*, col. Documentos Pontifícios n° 218, Petrópolis: Editora Vozes, 1988, n° 26, p. 44.

² OLIVEIRA, Manfredo A. de, Relevância dos desdobramentos da física quântica e da biogenética para o agir e pensar atuais, in LIMA, Degistando N. de; TRUDEL, Jacques, *Teologia em diálogo*, São Paulo: Edições Paulinas, 2002, p. 176.

³ *Ibidem*, p. 182.

instância doadora de sentido, a natureza tornou-se objeto das grandes intervenções do ser humano. Enquanto *res extensa* e não *res cogitans*, a natureza é captada pela via da pura objetividade, enquanto matéria apenas, sendo a física a ciência fundamental que estabelece a dimensão básica dos seres naturais e as biotecnologias a mais nova maneira de submeter a natureza aos fins estabelecidos pelo ser humano.

1.2. Uma "nova ética" capta o universo como "rede"

Hoje, um novo modo de pensar e uma nova ética partem da concepção do universo enquanto *teia de relações*. Isto significa que há uma unidade fundamental que perpassa todas as partes do universo, na forma de uma "rede". Supera-se, assim, a visão fragmentada do mundo, herdada da modernidade. Para isso, faz-se necessário galgar uma nova postura epistemológica e ética que parte da "coerência entre os diversos elementos constitutivos do mundo", porque "possuem uma base comum"⁴, porque possuem "interconexões sutis e contínuas entre as coisas e os eventos que coexistem no universo"⁵.

Nós, seres humanos, conseqüentemente, fazemos parte desta vasta rede de inter-relações, interligados a todos os elementos da natureza, desde a menor célula até a ecologia global. Todos os sistemas da vida e da matéria estão interligados entre si,

⁴ Cf. *ibidem*, p. 186.

⁵ Cf. LAZLO, E., *Conexão cósmica: guia pessoal para a emergente visão da ciência*, Petrópolis: Editora Vozes, 1999, p. 163.

⁶ Cf. AGOSTINI, Nilo, A crise ecológica: O ser humano em questão - Atualidade da proposta franciscana, in SILVA MOREIRA, Alberto da (Org.), *Herança franciscana*, Petrópolis; Editora Vozes, 1996, p. 233.

⁷ *Ibidem*, p. 235.

evoluem conjuntamente, imersos no mesmo "mar cósmico".

Desta percepção do universo, emerge uma nova postura ética, traduzida ora pela noção da uma *comunhão ecocêntrica*⁶ ora pela necessidade de gestar uma nova síntese *teo-antropo-cósmica*, unindo, tanto numa quanto noutra, *Deus, o ser humano e a natureza*. A conseqüente postura ética explicita-se na *co-responsabilidade*, sendo esta a que funda o modo próprio de ser e de viver do ser humano.

Esta co-responsabilidade "se traduz, na prática, em termos de integração, cooperação, troca, simbiose; faz da solidariedade e da complementaridade acentos que colocam no justo lugar a diferença e a identidade dos elementos criados; busca na criatividade e na auto-organização do subsistema dos seres vivos a possibilidade de se estruturar num processo contínuo/evolutivo de aprendizado e decisão; faz da alteridade o elemento pivô para um salto qualitativo ante todo o mundo criado, sem preeminências e sem reduzir-se a nenhum dos elementos em questão"⁷.

1.3. Parceiros na "dança cósmica", gerando uma comunhão universal

Todos os seres, vivos e não vivos, são parceiros numa verdadeira "dança cósmica", com interconexões permanentes. Descobrimos que a matéria não é o ponto de

partida dessa "dança" que tudo interliga, mas a energia; são campos energéticos que interligam ou interconectam tudo. "A matéria está desaparecendo como a característica fundamental da realidade, sendo substituída pela energia"⁸.

A nova ética, que então surge, aponta para a necessária efetivação da comunhão universal, tanto dos seres humanos entre si quanto destes com a natureza e destes com Deus. Dessa postura ética derivam vários patamares qualitativos, que representam engajamentos reais em favor de todo o universo criado:

- a) O primeiro patamar qualitativo traduz-se por um engajamento em favor de todo o ser vivente. Sendo assim, a partilha deste planeta com todo ser vivo implica limitações no uso da terra, da água, do ar e da biomassa.
- b) Outro patamar é o que olha para o futuro e se engaja em favor das gerações vindouras, livrando o planeta da extinção das espécies, dos desequilíbrios ecológicos diversos, da fome, das extrapolações inescrupulosas das biociências, etc.
- c) Um terceiro patamar é ainda o que assume uma dinâmica de comunhão universal, ecocêntrica ou teo-antropo-cômica, abraçando o universo criado como um todo, todos sendo uma parte de uma mesma coexistência.

Estes três patamares qualitativos fundam-se numa postura ética de excelência ante o universo criado. Conseqüentemente, "quan-

do uma parte dele é violada, sofremos nós também... Cada um de nós está também envolvido com cada parte e com o todo do universo. Somos, de fato, um único universo no qual tudo tem a ver com tudo"⁹.

Nessa dança cósmica e na necessária comunhão universal, o ser humano despon-ta com uma distinção toda especial. Tal distinção reside no fato de ele, somente ele, se constituir num *ser ético*. "Só ele é capaz de responder *responsavelmente* à proposta que vem da criação. Por isso, fa-lamos hoje da imperiosa necessidade de redescobrir a ética e auscultar os caminhos que ela vai nos apontar. Ela é mobilizadora do humano, do que há de vital, engloban-do a natureza toda"¹⁰.

2. Chamado à Vida Consagrada

A Vida Consagrada é hoje chamada a dar o que lhe é próprio: ajudar na edificação da Igreja e colocar-se a serviço da humanidade por um *testemunho* efetivo. Vive isto como expressão da graça do próprio batis-mo, testemunhando-o pela radicalidade de sua vida, sendo memória evangélica de toda a Igreja¹¹. Lembra a todos os cristãos a sua aliança batismal, levando-os a vivê-la na Igreja e na sua inserção no mundo, como serviço a Deus e aos irmãos/ãs.

2.1. Apelos da Igreja

Na exortação apostólica *Vita Consecrata*, João Paulo II explicita o testemunho da Vida Consagrada, ancorando-o na "função

⁸ OLIVEIRA, Manfredo A. de, *op. cit.*, p. 193.

⁹ Cf. BOFF, Leonardo, *Ecologia, mundialização e espiritualidade: a emergência de um novo paradigma*, São Paulo: Ática, 1993, p. 45.

¹⁰ AGOSTINI, Nilo, *op. cit.*, p. 238.

¹¹ Cf. GUY, Jean-Claude, *La vie religieuse mémoires évangélique de l'Église*, Paris: Éditions du Centurion, 1987.

profética de recordar e servir o designio de Deus sobre os homens” e lastreado na “leitura atenta dos sinais da ação providente de Deus na história”¹². E continua a explicação com as seguintes palavras:

“Para cumprirem convenientemente tal serviço, as pessoas consagradas devem ter uma profunda experiência de Deus e tomar consciência dos desafios do seu tempo, identificando o sentido teológico profundo deles por meio do discernimento realizado com a ajuda do Espírito”¹³.

“É necessário abrir o coração às sugestões interiores do Espírito... Ele chama a vida consagrada a elaborar novas respostas para os problemas novos do mundo atual. São solicitações divinas, que só almas habituadas a procurar em tudo a vontade de Deus conseguem captar fielmente e, depois, traduzi-las corajosamente em opções coerentes seja com o carisma originário, seja com as exigências da situação histórica concreta”¹⁴.

“A vida consagrada não se limitará a ler os sinais dos tempos, mas há de contribuir também para elaborar e atuar *novos projetos de evangelização* para as situações atu-

ais. E tudo isso, na certeza de que o Espírito sabe dar as respostas apropriadas mesmo às questões mais difíceis”¹⁵.

Tudo isso deve ser realizado “no testemunho de uma vida totalmente entregue a Deus e aos irmãos, à imitação do Salvador que se fez servo, por amor do homem..., tornando visível a presença amorosa e salvadora de Cristo..., num prolongamento da sua humanidade. A vida consagrada mostra eloqüentemente que quanto mais se vive de Cristo, tanto melhor se pode servi-lo nos outros, aventurando-se até aos postos de vanguarda da missão, e abraçando os maiores riscos”¹⁶.

2.2. Na vanguarda da missão: o apelo ético em defesa da criação

A crise ambiental é captada pela Igreja como fazendo parte de uma “profunda crise moral, da qual a deterioração ambiental é um dos aspectos mais preocupantes”¹⁷. Toda a problemática ecológica “tem uma inegável dimensão ética”¹⁸. É necessário “resgatar o mundo material da condição de mero objeto a que foi reduzido”¹⁹. Ao mesmo tempo, olhando com um

¹² Cf. JOÃO PAULO II, *Exortação apostólica Vita Consecrata*, col. Documentos Pontifícios n° 269, Petrópolis: Editora Vozes, 1996, n° 73, p. 137.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ *Ibidem*, p. 138.

¹⁵ *Ibidem*, p. 139.

¹⁶ *Ibidem*, n° 76, p. 144.

¹⁷ JOÃO PAULO II, *Paz com Deus Criador, paz com toda a criação*, mensagem do dia 1° janeiro de 1990.

¹⁸ KONZEN, João A., *Ecologia e ética, Missionera*, 25 (2001), p. 41; cf. SIQUEIRA, Josafá C. de, *Ética e meio ambiente*, São Paulo: Edições Loyola, 1998; cf. AGOSTINI, Nilo, *A questão ambiental na América Latina e no Caribe*, in *Evangelização: contribuição franciscana*, Petrópolis: Editora Vozes/FFB, 2000, p. 138-156; cf. BOFF, Leonardo, *Água e ética do cuidado, Vida Pastoral*, fasc. 235, março/abril de 2004, p. 22-26; cf. MOSER, Antônio, *O problema ecológico e suas implicações éticas*, 2ª edição, Petrópolis: Editora Vozes, 1984.

¹⁹ ÁVILA, Fernando Bastos de, Prefácio, in SIQUEIRA, Josafá C. de, *op. cit.*, p. 7.

pouco mais de profundidade, nota-se que a crise ambiental aponta para um ser humano doente, ou seja, a degradação do meio ambiente é fruto da doença que afeta o ser humano e seu processo civilizatório moderno e industrial²⁰.

“A crise ecológica é a própria face da crise cultural e civilizacional deste início de século e milênio... Os problemas ecológicos questionam os próprios fundamentos da civilização moderna: individualismo, autonomia, ciência, técnica, industrialização, urbanização, consumismo e conforto. A compreensão do ser humano como referência e medida de todas as coisas está sendo criticada, porque criou um distanciamento e até uma oposição entre o humano e o natural”²¹.

O que está mesmo acontecendo? A natureza está sendo “desnaturada” e o ser humano “desumanizado”. Este deslize foi assim descrito pelo teólogo Gerard Siegwalt:

“Em vez de ser cultivada (toda cultura é sempre primeiro cultura da natureza), a natureza é explorada; em vez de ser respeitada (*‘cultura’* vem da mesma raiz de *‘cultus’*: *‘colere’* que significa ao mesmo tempo cultivar e honrar, respeitar) em sua identidade, (...) ela é reduzida à sua funcionalidade; em vez de ser acei-

ta como realidade ambivalente de vida e de morte, em vez de ser ‘compreendida’, isto é, apreendida em sua unidade e cultivada porque contida nesta unidade, ela é forçada, dissecada, analisada e tratada como um agregado de elementos e não como um todo”²².

Como se vê, há uma correlação entre crise ecológica e crise do ser humano. Uma remete para a outra, sôfregas pela separação havida, originando um racha na relação entre elas. Qualquer solução só será realmente encontrada se tratados em conjunto.

“Ligadas no seu princípio, elas não encontrarão a solução a não ser juntas. Qualquer terapêutica buscada para curar uma delas deverá também contribuir para sanar a outra; caso contrário, tratar-se-á de uma pseudoterapia que cuida dos sintomas e não trata das causas. A doença consiste justamente na separação entre o ser humano e a natureza, no esquecimento de seu parentesco e solidariedade. Pelo fato do ser humano participar da natureza, ele peca contra ele mesmo ao pecar contra ela”²³.

Diante do desafio ecológico e da consciência de seus contornos e raízes profundas no ser humano, a própria ética teve que redefinir-se, superando o antropocentrismo

²⁰ RUBIO, A. García, Crise ambiental e projeto bíblico de humanização integral, in VÁRIOS AUTORES, *Reflexão cristã sobre o meio ambiente*, São Paulo: Edições Loyola, 1992, p. 9.

²¹ JUNGES, José Roque, *Ecologia e criação – Resposta cristã à crise ambiental*, São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 7 e 9.

²² SIEGWALT, Gerard, L’université, les sciences et la théologie: Un projet de dialogue interdisciplinaire, in IDEM (dir.), *La nature a-t-elle un sens? Civilisation technologique et conscience chrétienne devant l’inquiétude écologique*, Strasbourg: CERIT, 1980, p. 11.

²³ *Ibidem*.

excludente da natureza que, até bem pouco tempo, mostrava-se ainda muito presente. Albert Schweitzer já alertava para isso ao afirmar:

“O grande erro de toda ética do passado está no fato de que ela limitou-se ao comportamento do homem face ao homem. Mas, na realidade, a questão é de saber como ele se comporta face ao mundo e face a toda a vida que ele encontra em seu caminho.... Só pode ter fundamento a ética universal que consiste na experiência da responsabilidade face a tudo o que vive”²⁴.

2.3. Por um testemunho ético!

Há um apelo ético que é dirigido fortemente a todos/as os/as que assumem a vida religiosa e/ou consagrada. Muitas são as situações em que a falta de ética é uma realidade presente e até vexatória entre nós. Por outro lado, “tendo uma vida alicerçada na ética..., os/as religiosos/as tornam-se testemunhas de Deus. Podem e devem chegar a explicitar ‘as razões da nossa esperança’ (1Pd 3,15), sendo sal e fermento na Igreja e no coração do mundo”²⁵.

Em nossos dias, a ética convoca os/as consagrados/as a se sentirem mobilizados em prol de uma qualidade de vida lastreada no Evangelho, o que representa cultivar o que é vital nas várias dimensões, englobando a natureza toda. Soa forte o apelo

ético de “preservar, promover e realizar a condição de ser humano” no sentido de uma “sociedade a mais humana possível e para um ambiente o mais íntegro possível”²⁶, numa comunhão de todos os seres da criação.

Urge cultivar uma comunhão ecocêntrica ou, explicitamente, teo-antropo-cósmica. Isto significa que, religiosos/as e/ou consagrados/as, sentimo-nos parte de uma “rede” de relações multifacetárias, recíprocas e múltiplas, nas quais o próprio Criador faz-se presente como fonte de vida. Não bastam as relações *unilaterais*; é preciso abraçar as relações de *reciprocidade*. Isto foi claramente explicitado por Jürgen Moltmann com as seguintes palavras:

“Nesta rede de relações, as palavras ‘criar’, ‘manter’, ‘preservar’ e ‘tornar pleno’ expressam as grandes relações *unilaterais*, mas ‘habitar’, ‘sofrer junto’, ‘participar’, ‘acompanhar’, ‘agüentar’, ‘alegrar-se’ e ‘glorificar’ são relações *recíprocas* que expressam uma comunhão cósmica de vida entre Deus, o Espírito e todas as suas criaturas”²⁷.

O imperativo é, então, o de superar o desequilíbrio vital de nosso esquema de vida moderno e buscar um equilíbrio da criação como um todo, no entrelaçamento dos mais diversos subsistemas ‘vitalis’. Queremos, com isso, dizer um *não* ao poder, à

²⁴ SCHWEITZER, Albert, *Aus meinem Leben und Denken*, Hamburg, 1965, p. 71.

²⁵ AGOSTINI, Nilo, Ética e Vida Religiosa – Alguns realces em tempo de crise, *Convergência*, fasc. 358, 37 (2002), p. 591.

²⁶ Cf. KÜNG, Hans, *Projeto de Ética Mundial: Uma Moral Ecumênica em vista da sobrevivência humana*, São Paulo: Edições Paulinas, 1992, p. 53.

²⁷ MOLTSMANN, Jürgen, *Deus na criação: Doutrina ecológica da criação*, Petrópolis: Editora Vozes, 1993, p. 34.

acumulação, ao interesse, à razão instrumental e instrumentalizadora, à depredação, à capitalização sem fim, ao individualismo, à indiferença etc. Queremos dizer *sim* à comunhão, à gratuidade, à alteridade, à solidariedade, à percepção do grande organismo cósmico, à referência de tudo com a última realidade, Deus.

“Não podemos mais apoiar-nos no poder como dominação e na voracidade irresponsável da natureza e das pessoas. Não podemos mais pretender estar acima e sobre as coisas do universo, mas junto e a favor delas. O desenvolvimento deve ser feito com a natureza e não contra a natureza. O que deve ser mundializado atualmente é menos o capital, o mercado, a ciência e a técnica. O que deve, fundamentalmente, ser mais mundializado é a solidariedade para com todos os seres, a partir dos mais afetados, a valorização ardente da vida, em todas as suas formas, a participação como resposta ao chamado de cada ser humano e à dinâmica mesma do universo...”²⁸

Os/as consagrados/as encontram na raiz mesma de sua opção de vida a fonte e a força para responder à altura aos desafios éticos que provêm do problema ecológico. O próprio testemunho de vida deverá ser

“sinal” de relações sadias, preventivas e, sempre que necessário, curativas do humano “desumanizado” e da natureza “desnaturada”. O momento é de mantermos ou refazermos os equilíbrios ecológicos e humanos, na reciprocidade que se instaura quando se vive uma comunhão de vida, uns face aos outros, no cuidado de todos os seres da criação.

3. O testemunho da Vida Consagrada

“Cada comunidade religiosa, mesmo aquela especificamente contemplativa, não é voltada para si mesma, mas se faz anúncio, diaconia e testemunho profético. O Ressuscitado que vive nela, comunicando-lhe o próprio Espírito, a torna testemunha da ressurreição”²⁹.

3.1. Realização crescente do Reino de Deus

Ao cultivar uma qualidade evangélica de vida, a Vida Consagrada é portadora de uma riqueza profética e de um sinal escatológico, sendo um “sinal” antecipado do Reino futuro³⁰. “Preanuncia a ressurreição futura e a glória do Reino celeste”³¹. Sabemos que nenhuma das nossas realizações no tempo esgota o Reino de Deus. Mesmo assim, “a única coisa necessária é buscar o Reino de Deus e a sua justiça” (Mt 6,33)³².

²⁸ BOFF, Leonardo, *op.cit.*, p. 41.

²⁹ CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *A vida fraterna em comunidade*, col. Documentos Pontifícios n° 258, Petrópolis: Editora Vozes, 1994, n° 58, p. 67.

³⁰ Cf. AGOSTINI, Nilo, *Vida Religiosa: Sinal profético*, in CRB (org.), “Tempo de Sinais, Sinais dos Tempos” – *Provocações para a Refundação da Vida Religiosa*, col. Cadernos CRB n° 29, Rio de Janeiro: CRB, 2000, p. 73.

³¹ Constituição dogmática *Lumen Gentium* n° 44, in VIER, Frederico (coord.), *Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos, declarações*, 22ª edição, Petrópolis: Editora Vozes, 1991, p. 94.

³² Cf. JOÃO PAULO II, *Exortação apostólica Vita Consecrata, op. cit.*, n° 26, p. 45.

Chamada a cultivar uma esperança ativa, explicitada num *compromisso* e numa *vigilância* sem tréguas, a Vida Consagrada não pode se entregar à passividade. “*Memória* das maravilhas realizadas por Deus, *vigília* do cumprimento definitivo da esperança”³³, ela suplica “Vem, Senhor Jesus” (Ap 22,20) e invoca “Venha a nós o teu Reino!” (cf. Mt 6,10). Tendo presente isto, João Paulo II assim se exprime sobre a Vida Consagrada:

“Apesar de apontar para o Reino futuro, ela exprime-se em trabalho e missão, para que o Reino se torne presente já desde agora, através da instauração do espírito das bem-aventuranças, capaz de suscitar anseios eficazes de justiça, paz, solidariedade e perdão, mesmo na sociedade humana... Pelos seus carismas, as pessoas consagradas tornam-se um sinal do Espírito em ordem a um futuro novo, iluminado pela fé e pela esperança cristã. A *tensão escatológica transforma-se em missão*, para que o Reino se afirme de modo crescente, aqui e agora”³⁴.

O/a consagrado/a faz-se presença evangelizadora, anunciando o Reino de Deus e a sua justiça através do testemunho de vida e, sempre que necessário, da palavra anuncia-

da, impregnando o mundo do Evangelho de Jesus Cristo. O Reino de Deus apresenta-se, assim, como uma realidade a ser, antes de tudo, levada a termo, até o seu pleno cumprimento³⁵. Ressoam fortes as palavras de Jesus: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em plenitude” (Jo 10,10).

Ante o apelo, em nossos dias, de promover a *qualidade da vida existente*, importa propor uma visão integral, que implica no cultivo das “dimensões mais profundas da existência, como as interpessoais, espirituais e religiosas”; supere-se, aqui, uma visão distorcida de qualidade de vida “interpretada prevalente ou exclusivamente como eficiência econômica, consumismo desenfreado, beleza e prazer da vida física”³⁶.

Um cuidado especial deve merecer o *ambiente humano*, no intuito de “*salvaguardar as condições morais de uma autêntica ‘ecologia humana’*” (...), “bem como a devida atenção a uma ‘ecologia social’”³⁷. Aqui, soa forte a “reafirmação precisa e firme do valor da vida humana e da sua inviolabilidade”³⁸, captando-a na sua “totalidade unificada”, uma natureza simultaneamente corporal e espiritual. Esta possui um valor *incomparável*, sendo, por isso, *inviolável* e *inalienável*. Sobre este fundamento, erige-se o edifício dos valores éticos correspondentes³⁹.

³⁴ *Ibidem*.

³⁵ Cf. TILLARD, J.-M.-R., *Appel du Christ... appels du monde: Les religieux relisent leur appel*, Paris: Les Éditions du Cerf, 1978, p. 47ss.

³⁶ JOÃO PAULO II, *Carta encíclica Evangelium Vitae*, col. Documentos Pontifícios n° 264, Petrópolis: Editora Vozes, 1995, n° 23, p. 34.

³⁷ IDEM, *Carta encíclica Centesimus Annus*, col. Documentos Pontifícios n° 241. Petrópolis: Editora Vozes, 1991, n° 38, p. 66.

³⁸ IDEM, *Carta encíclica Evangelium Vitae*, *op. cit.*, n° 5.

³⁹ CONGREGAÇÃO DA DOUTRINA DA FÉ, *Instrução Donum Vitae*, col. Documentos Pontifícios n° 213, Petrópolis: Editora Vozes, 1987, n° 2 (introdução), p. 9-10.

Ao mesmo tempo, o/a consagrado/a incluirá o respeito e a preservação da *integridade da criação*, hoje ferida em seu equilíbrio ecológico. Urge superar o consumismo excessivo e desordenado dos recursos da terra, dispondo arbitrariamente da terra, submetendo-a sem reservas à vontade voraz e insaciável do ser humano, traíndo o destino anterior que Deus lhe dera. Saiba o ser humano que seu papel na criação é o de colaborador de Deus, não podendo ocupar o lugar dele, na pretensão de substituí-lo⁴⁰.

Desses dois pólos (vida humana e integridade da criação) derivam praticamente todas as demais opções. As expressões "ecologia humana", "ecologia social" e "salvaguarda da criação" se complementam. Neste conjunto de elementos, não deixamos, hoje, de ter presente a "família"; dentro desta visão ampla, ela atrai a nossa atenção, merecedora de um apoio especial por ser a primeira e fundamental estrutura a favor da "ecologia humana", considerada como *santuário da vida*⁴¹.

3.2. *Fraternidade, comunhão, partilha*

Como acabamos de ver, a noção de ecologia é abrangente. Não se refere apenas a uma "ecologia exterior", referindo-se aos ecossistemas em seu instável equilíbrio. Engloba também toda uma "ecologia interior", própria do ser humano, o "mundo" de sua psique, de seus afetos, de sua espiritualidade, de suas relações básicas, quer consigo e com os outros, quer com o mundo e com Deus.

Nessa visão unitária, aquilo que aparentemente está fora de nós, encontra-se na verdade cravado dentro de nós. Por exemplo, toda violência ao meio ambiente, no passado ou no presente, repercute em nossas estruturas mentais, deixa sinais no inconsciente coletivo. Forma-se uma "arqueologia social", à qual sempre nos referimos, sendo um dos importantes lastros do *ethos* humano. Esta compõe a matriz de percepção, de avaliação e de ação de toda pessoa humana.

A agressividade acumulada no decorrer da história forjou, no ser humano, um forte instinto de agressão, que pode ser canalizado para destruir ou para construir. A hora é de somar em prol da vida e no cuidado de todos os seres da criação. Faz-se necessário dar curso ou fazer crescer as potencialidades positivas de convivência e de apoio mútuo, de encontro e cuidado reverente. Tal disposição vai amalgamando um novo "substrato" de referências no próprio *ethos*, até contagiar o humano e o universo inteiro com relações positivas, de respeito, de veneração, de cuidado.

A Vida Consagrada, a partir da vocação que lhe é própria, tem a oferecer elementos de forte densidade para o lastro comum de toda a humanidade. Fraternidade, comunhão, partilha são alguns destes "sinais", suportes para todo e qualquer ser humano. Harmonizam-se, assim, as relações fundamentais: ser humano-Deus, homem-mulher, irmão-irmã, povos entre si, humanidade-criação.

A *fraternidade* instaura "comunhão de

⁴⁰ Cf. JOÃO PAULO II, *Carta encíclica Centesimus Annus*, col. Documentos Pontifícios n° 241. Petrópolis: Editora Vozes, 1991, n° 37, p. 65-66.

⁴¹ Cf. *ibidem*, n° 39, p. 67-68.

vida" no relacionamento interpessoal; estabelece como referência a vida em comunidade. A *comunhão* representará a disposição de uma "vida em comum", que se vive na participação, fidelidade, colaboração, cuidado e reverência diante do irmão ou da irmã, na salvaguarda do criado e na captação dos "vestígios" de Deus em toda a obra da criação. A *partilha* é reposta do face a face ante cada pessoa na sua alteridade e ante cada ser da criação na sua especificidade; é engajamento; é compromisso; é colocar-se a serviço. Fraternidade, comunhão, partilha: um ternário que tem sua raiz numa única fonte, o Amor, derramado em plenitude por Deus, em Jesus Cristo, no vigor do seu Espírito.

"Peritos em comunhão, os religiosos são chamados a ser, na comunidade eclesial e no mundo, testemunhas e artífices daquele projeto de comunhão que está no vértice da história do homem segundo Deus... Além disso, pela cotidiana experiência de uma comunhão de vida, de oração e de apostolado, como componente essencial e distintivo de sua forma de vida consagrada, fazem-se 'sinal de comunhão fraterna'... Testemunham a capacidade de comunhão de bens, do afeto fraterno, do projeto de vida e de atividade"⁴².

A Vida Consagrada é chamada a testemunhar uma nova aliança entre o ser humano e a natureza, dos seres humanos entre si e entre o ser humano e o Criador,

superando as contradições de nossa cultura dualista, materialista, machista e consumista. Faz-se necessário lançar raízes no mais profundo do humano e despertar todas as forças criativas, toda bondade aí presente, toda vontade de lançar-se rumo à plenitude, toda decisão de assumir-se como cooperador e artífice de um novo tempo. É a hora de alimentar uma espiritualidade de integração.

Faz-se necessário despertar as grandes motivações, às vezes adormecidas no mais profundo de nosso ser, e dar-lhe vôo "para transformar o olhar sobre cada realidade, transfigurando-a e descobrindo-a como um elo da imensa rede terrena e cósmica"⁴³, que remete, em última análise, para Deus. É para Ele que tudo converge. É Ele que tudo sustenta. É Ele que, no seu Amor, tudo atrai.

3.3. Um grito profético

A Vida Consagrada é chamada a ser anúncio da Vida em toda a sua integralidade. Ela o faz, antes de tudo, através de um modo próprio de viver. A simples vivência da consagração já pode significar um alegre e contundente anúncio dos valores que já assinalamos anteriormente. E, se necessário, o/a consagrado/a transformará o seu anúncio em denúncia dos desvios, dos abusos, das injustiças, de toda violação quer do humano quer da criação como um todo. "Isto vale, também, diante das formas redutoras da vida assumidas pela modernidade e pós-modernidade, sobretudo quando cai no consumismo, no indivi-

⁴² CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *op. cit.*, n° 10, p. 23.

⁴³ Cf. BOFF, Leonardo, *Ética da Vida*, Brasília: Letraviva, 1999, p. 139.

dualismo, no hedonismo, vividos não raro como valores absolutos⁴⁴.

Um grito profético soa firme e forte pela transparência e honestidade com que o/a consagrado/a vive a sua opção. "A partilha na fraternidade denuncia o individualismo e a voracidade excludente do ter. A oração e a comunhão com Deus na comunidade acusam os falsos deuses, denunciam os ídolos e apontam para o absoluto que é Deus em nossa vida. A solidariedade vivida com os que sofrem aponta para a superação da indiferença e de toda sorte de exclusões, com o conseqüente sacrifício de vidas"⁴⁵. Não faltarão gestos visíveis e atitudes firmes, sempre que se fizerem necessário, para anunciar os valores do Evangelho.

Assim, a Vida Consagrada traz em si mesma um desejo de justiça, uma aspiração ao verdadeiro, ao bom e belo. Sente-se chamada a ser um suporte inigualável das exigências éticas, numa *recusa do injustificável*⁴⁶, sempre que escolhas redutoras venham a se sobrepor à totalidade do humano e à integridade da criação. Encontramos aí pessoas resistentes, que recusam o injustificável de uma versão unilateral, unidimensional, parcial, redutora do humano e de todo o criado. Com isso, fazem existir a *ética*, anunciando o amanhã com práticas ético-proféticas.

Cabe uma denúncia direta das ideologias que estão demolindo a noção de bem comum, aquelas que a substituíram pelo império das forças do mercado, pela estreiteza da privatização do público, num jogo

no qual flexibilização, adaptação, rentabilidade e competitividade realimentam um individualismo avassalador. O destino comum da espécie humana parece não interessar ante a força reguladora de mercados, cuja lógica excludente de vidas e depredadora da natureza, calca-se numa globalização competitiva e liberalizante, desregulamentadora e privatizante.

Viver a democracia é ampliá-la aos limites sociocósmicos. Nela, o bem comum representará, sim, valorizar a vida humana como algo incomparável, porém, sem perder de vista todos os demais seres que também precisam de água não contaminada, solos não envenenados, ar despoluído e nutrientes de qualidade⁴⁷. Lemos na *Carta da Terra*, assumida pela UNESCO no ano de 2000:

"Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro... ou formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida"⁴⁸.

Conclusão

A *Carta da Terra* merece de todos nós uma atenção especial. Ela é portadora de uma nova perspectiva ética e ecológica, fundada numa visão planetária da humanidade. Transcrevo, em seguida, os princípios nela contidos, como forma de concluir este texto:

⁴⁵ *Ibidem*.

⁴⁶ Cf. MOSSÉ-BATIDE, Rose-Marie, *Genèse de l'éthique*, Genève: Éditions Patino, 1986, p. 307.

⁴⁷ Cf. BOFF, Leonardo, *Ética e Moral: A busca dos fundamentos*, Petrópolis: Editora Vozes, 2003, p. 66.

⁴⁸ Cf. www.cartadaterra.org ou www.earthcharter.org

1. *Respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade;*
2. *Cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor;*
3. *Construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas;*
4. *Garantir a generosidade e a beleza da Terra para as gerações atuais e futuras;*
5. *Proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais que sustentam a vida;*
6. *Prevenir o dano ao ambiente como o melhor método de proteção ambiental e, quando o conhecimento for limitado, tomar o caminho da prudência;*
7. *Adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário;*
8. *Avançar o estudo da sustentabilidade ecológica e promover a troca aberta e uma ampla aplicação do conhecimento adquirido;*
9. *Erradicar a pobreza como um imperativo ético, social, econômico e ambiental;*
10. *Garantir que as atividades econômicas e instituições em todos os níveis promovam o desenvolvimento humano de forma equitativa e sustentável;*
11. *Afirmar a igualdade e a equidade de gênero como pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável e assegurar o acesso universal à educação, ao cuidado da saúde e às oportunidades econômicas;*
12. *Defender, sem discriminação, os direitos de todas as pessoas a um ambiente natural e social, capaz de assegurar a dignidade humana, a saúde corporal e o bem-estar espiritual, dando especial atenção aos direitos dos povos indígenas e minorias;*
13. *Fortalecer as instituições democráticas em todos os níveis e proporcionar-lhes transparência e prestação de contas no exercício do governo, a participação inclusiva na tomada de decisões e no acesso à justiça;*
14. *Integrar na educação formal e aprendizagem ao longo da vida os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável;*
15. *Tratar todos os seres vivos com respeito e consideração;*
16. *Promover uma cultura de tolerância, não-violência e paz⁴⁹.*

Quando movidos pela sabedoria da fé, voltamo-nos em direção às criaturas e descobrimos Deus no “espelho” da criação. Um itinerário de contemplação se estabelece. *Meditação, admiração, “especulação”* nos fazem trilhar um itinerário que parte das criaturas para acolhê-las em sua essência e eleva a alma, com todas as suas faculdades, até o mistério da Santíssima Trindade. Leia-mos e meditemos o que diz São Boaventura:

⁴⁹ *Ibidem*. Transcrevemos aqui somente os pontos principais que tem um desenvolvimento próprio para cada um deles.

“É realmente cego quem não vê tantos esplendores que, em profusão, emanam da criação. É surdo quem não desperta ante o concerto de tantas vozes. É mudo quem não louva a Deus diante de todas essas obras. É tolo quem, diante disso tudo, não reconhece o primeiro princípio. Abre, pois, os olhos, utiliza os ouvidos de tua alma, solta os teus lábios, aplica o teu coração para ver, compreender, louvar, amar, venerar, honrar e glorificar o teu Deus em todas as coisas”⁵⁰.

Frei Nilo Agostini é franciscano, OFM, doutor em Teologia pela Universidade de Ciências Humanas de Strasbourg, França. Atualmente, é o Diretor do Departamento de Teologia da PUC-Rio, onde é professor de Teologia Moral. Leciona também no Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis, RJ, e no Instituto Superior de Teologia da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Tem ampla publicação (10 livros e dezenas de artigos). Acaba de lançar o livro *Moral Cristã: temas para o dia a dia – Nesta hora da graça de Deus*, pela Editora Vozes.

Endereço do autor:
Convento Santo Antônio
Caixa Postal 3445
20001-970 Rio de Janeiro RJ

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Por que a Vida consagrada não pode ficar alheia à crise ecológica atual?
- 2- Como despertar e cultivar nas comunidades a "preocupação ecológica" e as principais exigências dessa preocupação?
- 3- Você crê que, no contexto sócio-ecclesial da sua comunidade, o testemunho ético-profético da Vida Consagrada no tocante à ecologia encontra ressonância e leva a ações transformadoras? Por quê?

“Peritos em comunhão, os religiosos são chamados a ser, na comunidade eclesial e no mundo, testemunhas e artífices daquele projeto de comunhão que está no vértice da história do homem segundo Deus...”

⁵⁰ SÃO BOAVENTURA, *Itinerarium mentis in Deum* (1259), Edizioni di Quarachi, 1882-1902, c. 1, n° 15.

Novas Gerações e Vida Religiosa

ANTÔNIO APARECIDO DA SILVA, FDP

O quinto marco indicador proposto pela XIX Assembléia Geral da CRB para a reflexão no triênio (2001-2004), versa sobre a abertura às interpelações das *novas gerações* em sua diversidade cultural. Por detrás desta formulação expressa pela Assembléia está a preocupação com o relacionamento entre gerações na Vida Religiosa e, sobretudo a questão no trato com a juventude.

Efetivamente há um descompasso entre as gerações, o que aliás seria normal se esta situação não tivesse trazendo as preocupações que têm trazido às Congregações e Institutos. Alguém fez alusão ao estado de formação nas Congregações, comparando-o a um ônibus (coletivo circular) no qual entram passageiros e descem passageiros dando a impressão de que está sempre cheio. Esta instabilidade que vem ocorrendo com frequência, somada às insatisfações no âmbito da juventude nos Institutos, tem causado insônia aos formadores/as, aos superiores/as maiores e à toda família religiosa. Sem novos/as religiosos/as quem irá continuar os trabalhos nas obras, no apostolado, nas missões? É, sem dúvida a questão que paira no ar.

O questionamento vai ainda mais além. Mesmo sem ter uma preocupação utilitarista, imediatista, muitos/as religiosos/as se vêm confrontados/as pelos desafios provocados pelas *novas gerações*. Como compreendê-las? O que está por detrás deste fenômeno que o torna ainda mais desafiador nos dias de hoje?

Ensaando alguma tentativa de abordagem à questão, a CRB nacional, através da Equipe de Reflexão Teológica realizou um seminário sobre o tema das *novas gerações e vida religiosa*. O seminário foi antecedido por uma pesquisa por amostragem. Os/as entrevistados/as entre religiosos e religiosas jovens responderam a varias perguntas expressando suas opiniões e sentimentos sobre diversos aspectos da Vida Consagrada. Os resultados da pesquisa e do seminário serão publicados brevemente e estarão à disposição dos/as interessados/as.

O presente artigo não tem maiores pretensões a não ser proporcionar aos/às leitores/as uma abordagem inicial à questão das *Novas gerações* e a sua emergência atual na Vida Religiosa. Portanto, não se trata de uma reflexão conclusiva. Estamos apenas introduzindo a questão, e quem sabe, motivando-o/a para o processo de análise das *Novas Gerações na Vida Religiosa*.

1. Um desafio permanente

A expressão *novas gerações* é recorrente na linguagem comum do dia a dia. Serve para designar coisas bem diferentes. Dias atrás na televisão, um criador de gado da região oeste do Estado de São Paulo, apresentava com entusiasmo o que ele chamava de uma *nova geração de bovinos*, resultado da combinação genética entre as raças guzerá e nelore. O criador, com grande animação destacava as vantagens da nova espécie: menos tempo para a engorda, car-

ne mais macia para o consumo e ausência de colesterol. Mudei para o canal seguinte. Aí, outro homem de terno, gravata e postura de executivo, coadjuvado por uma moça com beleza produzida, falava com plena convicção da *nova geração de automóveis*, com motores mais potentes e mais velozes. Honestamente não me interessei pela propaganda. Mudei de canal com a ilusão de encontrar algo melhor. Deparei-me com um jovem, trajado em desalinho estético, falando das *novas gerações* de computadores, e dos computadores de *última geração*. Falava em megabaits, gigabaits e outras palavras que não aprendi no meu tempo de escola. Mudei e parei em um canal onde um provector professor fazia denúncias contra as atuais estruturas de ensino e restrições às *novas gerações* de professores. Mesmo concordando em parte com o que o velho docente dizia, preferi mudar de canal mais uma vez. Sintonizei, sem prévia escolha, um canal de televisão da Igreja Católica. Um padre, bastante famoso nos últimos tempos, e que no início da década de 90 foi meu aluno na faculdade de teologia, fazia uma proposta espiritual para as *novas gerações*. Desliguei a televisão. Fui para a sala da comunidade e aí encontrei um cartaz convidando para o seminário da CRB sobre *novas gerações e vida religiosa*.

Geração é uma palavra sugestiva, dinâmica, vem do verbo *gerar*, que segundo o Aurélio, significa: "dar o ser a, criar, dar existência a, produzir, desenvolver, fecundar, causar, formar". É bastante freqüente na Bíblia. Mateus, por exemplo, para falar da ascendência de Jesus, usa o verbo gerar: "Abraão gerou Isaac, Isaac gerou Jacó...", e assim segue o evangelista até

chegar a "José, o esposo de Maria, a qual gerou Jesus, que é chamado o Messias", e conclui dizendo que "as gerações desde Abraão até Davi são catorze; de Davi até o exílio na Babilônia, outras catorze; e do exílio na Babilônia até Jesus, mais catorze gerações" (Mt 1,2;17). Gerar é criar, como os pais e as mães fazem com seus filhos; criar de forma plena, como Deus ao gerar as criaturas.

Na Vida Religiosa o termo gerar, e a palavra geração têm especiais significados. O Espírito que suscita os carismas fundacionais, gera vida nova nas congregações e em toda a Igreja. A história pretérita da Vida Religiosa, bem como na sua atualidade, está marcada pela presença de *novas gerações*. Assim como Francisco de Assis e seus santos amigos, no século 13 constituíram uma nova geração na Vida Religiosa para a renovação da Igreja, também o jovem Inácio de Loyola e seus companheiros formaram uma nova geração que no século 16 deu início ao novo estilo de Vida Religiosa, acentuadamente apostólica e missionária. Os fundadores e fundadoras abundantemente presentes no século 19, entre eles: Dom Bosco, Comboni, Guanella, Orione, Alberione; e entre elas: Madre Michel, (...), e tantos/as outros/as, constituíram, sem dúvida, uma grande geração de religiosos/as, cuja ação inovadora se refletia na espiritualidade, na insistência à vida comunitária, na comunhão com a Igreja, no zelo para com os pobres, na missão de modo geral.

Portanto, se *novas gerações* é uma expressão familiar à Vida Religiosa, o que justifica evocá-la, em meio aos seus muitos significados, é a necessidade de aprofundar os interrogantes que envolvem o

fenômeno das *novas gerações* hoje em toda a Vida Consagrada. Por certo, a questão não é de forma alguma exclusiva da Vida Religiosa, mas põe em causa toda a sociedade e de modo particular atinge a família e todos os âmbitos marcados sobretudo por relações humanas. É, antes de mais nada, uma expressão desafiadora que permite analisar o passado, traz questionamentos no presente, e se coloca como necessária para a projeção do futuro. Sem *novas gerações* não há futuro possível para a Vida Religiosa e nem para a sociedade.

2.0 que estamos entendendo por "Novas gerações" na VR

Vamos nos ater à compreensão do termo *novas gerações* no contexto da Vida Religiosa, conscientes dos múltiplos significados e implicações do fenômeno em outras áreas, e que aqui, por razões tantas, não iremos aprofundar. Há várias maneiras de abordar a questão das *novas gerações* na Vida Religiosa. Talvez o nosso trabalho seja individuar aquela que melhor possa nos ajudar a compreender os problemas que emergem em relação a este fenômeno. Vamos caracterizar três tipologias de *novas gerações* e ver em que elas podem ajudar em nossa reflexão.

2.1. Novas gerações e faixas etárias

A atitude mais comum entre as pessoas é estabelecer as *novas gerações* a partir da faixa etária. De fato, não é de todo errado. Entretanto pode não ser completo. Via de regra, convencionou-se classificar os religiosos com mais anos de votos perpétuos, de *geração dos idosos/as* ou de *velha guarda*, ou ainda, *geração dos/as históricos/as*, e mais sofisticadamente, *geração dos*

jurássicos. Por este mesmo critério os religiosos/as na faixa etária entre os 35/40 e 55/60 anos são classificados na *geração da idade média*. Inclusive, estes/as são aqueles/as que estão em plena vigência de atividades. Muitos/as nesta faixa etária são superiores/as maiores (diretores/as em comunidades, superiores/as provinciais, gerais e até escolhidos para o munus episcopal). Também é esta a faixa etária mais vulnerável a crises. Os/as juniores/as, pela sua faixa etária, mais ou menos entre os 20 e 30 anos de idade, são considerados/as propriamente de *novas gerações*. Por último, a geração dos/as que estão aspirando à Vida Religiosa.

Como se pode constatar, é uma classificação que toma por base as *etapas* de vivência na Vida Religiosa e, sobretudo, a faixa etária. É uma classificação demasiado simples e, por isso mesmo, superficial e reducionista. É bem verdade que os questionamentos e posturas das pessoas, muitas vezes, estão relacionados à faixa etária, porém nem sempre. Não há automatismos. Em tantas outras vezes as questões e preocupações perpassam as várias faixas etárias ou partes delas estabelecendo homogeneidades que fogem ao modelo classificatório das idades.

2.2. Novas gerações: abordagem cronológica

Um outro critério para estabelecer *gerações* é a cronologia. Retendo, com o devido cuidado e até com suspeita, os elementos que a análise das faixas etárias nos oferece para a compreensão de *novas gerações*, vamos buscar as contribuições dos fatos históricos (cronologia). Trata-se de uma constatação óbvia, antes de

tudo. A observação sobre os momentos históricos, faz-nos compreender que enquanto tais, as etapas históricas são aglutinadoras de pessoas que expressam sentimentos e desejos comuns. Estabelecem uma mesma linguagem entre si. Apropriam-se dos mesmos significantes para expressarem o mesmo significado; Compreendem os mesmos símbolos; estabelecem os mesmos costumes; vestem-se de forma semelhante; dizem as mesmas palavras de ordem; criam ou sintonizam um mesmo estilo de música; vivem uma mesma sensibilidade.

Ora, este fenômeno, com estas expressões distintas, porém convergentes, atinge e reúne ao redor de si pessoas de idades diferentes, ainda que possam predominar determinadas faixas etárias, entretanto, isto não é o fator determinante. O fator determinante é o *fato histórico*. Para exemplificar, podemos recordar a *geração de luta contra a ditadura militar*, a *geração hippie*, a *geração da jovem guarda*, a *geração das diretas já*, a *geração dos/as caras pintadas* e, talvez com propriedade hoje se possa falar da *geração da pós-modernidade*.

Na Igreja de modo geral, como também na Vida Religiosa, ocorre semelhante fato. Um determinado evento ou situação histórico-ecclesial aglutina pessoas de diferentes idades, condições sociais, nacionalidades, expressões religiosas, inclusive com distinções de gênero. Ilustremos, por exemplo, com a *geração do Concílio*, a *geração de Medellin e Puebla*, a *geração da Igreja dos pobres*, a *geração da Vida Religiosa inserida*, a *geração da Teologia da Libertação*. Também aqui, olhando para a realidade ecclesial de hoje, talvez se possa dizer, a *geração dos movimentos*.

Em todas estas situações ilustradas, o fator principal que caracterizou aglutinação geracional, não foi a idade das pessoas, mas seguramente o seu posicionamento, a sua ação, o seu desejo (sensibilidade, busca), a sua fé, a sua utopia. Aqui, sem dúvida, a categoria *novas gerações* adquire maior consistência e supera aqueles elementos calcados exclusivamente no critério da faixa etária.

2.3. *Novas gerações e relações interativas*

As duas tipologias anteriores fornecem elementos importantes para uma compreensão maior sobre *novas gerações*, entretanto, uma observação mais atenta do fenômeno possibilita perceber dados que vão além do enquadramento pelas idades e pela cronologia dos fatos. De fato, ocorre entre as pessoas determinadas situações que transcendem o *cronos*, seja enquanto faixa etária, como também enquanto fato histórico simplesmente, e apontam outras dimensões, inclusive aquela que aqui estamos chamando de *relações interativas*.

A interatividade é um termo bastante usado nas diversas áreas, sobretudo nos processos educativos. Aqui, precisamente, estamos usando a expressão *relações interativas* para caracterizar uma prática ou uma ação que envolve ou aglutina as pessoas independentemente da sua idade e de outras afinidades contingentes, como sexo, condição social, denominação religiosa, consanguinidade, nacionalismo, etc.

Assim, pois, *as relações interativas* se estabelecem por outras razões que não são necessariamente as motivações que até aqui mencionamos. O fato evidente é que a interatividade se caracteriza na ação con-

urgente das pessoas, motivada por uma causa ou na busca da concretização de um objetivo. Não se trata de uma prática uniforme, como se fora uma marcha de desfile patriótico. Talvez aproxima-se mais de um desfile onde a variedade dos modelos apontam para o mesmo objetivo das roupas apropriadas à adequada estação.

As *relações interativas* não só envolvem pessoas de cronologias diferentes, mas indicam também o que os grupos, movimentos, e pessoas de idades diferentes e outras particularidades contribuem para avançar no processo em questão, ou na vivência de uma determinada proposta.

Para ilustrar o que estamos dizendo, tomemos a narrativa dos Atos dos Apóstolos onde diz que a primeira geração dos cristãos *tinha um só coração e uma só alma* (At 4,32). No exemplo dado não constam homogeneidades. As pessoas estão aglutinadas pelo propósito de vivenciar a fé no Ressuscitado. Neste sentido podemos nos reportar aos discípulos e discípulas de Jesus como uma geração de seguidores/as. Há variedade de gênero, de idade, de situações de vida entre eles e elas, entretanto estão unidos por algo que faz gerar uma nova realidade: a vida cristã.

Os exemplos são muitos e são encontrados inclusive na própria Vida Religiosa onde a vivência do Carisma gera famílias em que as pessoas são diferentes inclusive quanto a gênero e idades. É importante ter presente que nos exemplos dados, não somente aparecem as diferenças, mas também a relação de cumplicidade ou de interação entre as pessoas para que os objetivos sejam alcançados.

A categoria de *novas gerações* tendo as *relações interativas* como mediação, su-

põe algumas atitudes imprescindíveis e que poderiam ser sintetizadas em quatro momentos: a) A consciência sobre o ponto de partida, que na linguagem usual da *refundação* da Vida Religiosa tem sido chamada de *volta ao primeiro amor* para expressar as convicções que fazem com que alguém opte pela Vida Consagrada; b) A consciência cristã (amadurecida) sobre a consagração religiosa; c) O compromisso com a missão da Vida Religiosa; d) A compreensão da Vida Religiosa enquanto processo. A afinidade nestes aspectos contribuem para caracterizar no tempo e no espaço uma *nova geração* na Vida Religiosa.

2.3.1. Ponto de partida: "Voltar ao primeiro amor"

O ponto de partida de uma vocação, inclusive para a Vida Consagrada, pode estar marcado por uma aspiração voluntariosa, sem com isto deixar de ser também expressão da graça batismal. Embora, na maioria das vezes, não tendo com clareza os elementos teológicos e espirituais necessários para um exigente discernimento vocacional, no ponto de partida aparece com intensidade o desejo, a vontade, verdadeira paixão, capaz de levar a atitudes audaciosas de deixar pai, mãe, irmãos, irmãs, amigos, as coisas do dia a dia, e partir para a aventura da gratuidade. O ponto de partida, ou o *primeiro amor*, como todo primeiro amor, é desprovido de muita reflexão e menos ainda de *razão*. Portanto, é marcado pela *paixão*. E, como já advertiam os gregos, a *paixão* traduz o calor da alma, mas ao mesmo tempo pode ser um barco à deriva. Por isto mesmo, a *paixão* é necessária, mas não suficiente.

2.3.2. A consciência cristã (amadurecida)

A expressão *consciência cristã* aqui significa a superação da atitude voluntariosa que caracteriza o ponto de partida, ou seja, é a convicção de que é preciso ir além, amadurecer. O amadurecimento consiste na atitude mística de aprendizado em íntima relação com Deus. Estabelece um processo de formação, ou melhor, de conversão. A consciência cristã-amadurecida é a descoberta da Vida Consagrada enquanto experiência de Deus. Nenhum projeto voluntarioso se sustenta na Vida Religiosa sem uma experiência mística que o secunde. Não estamos falando dos *misticismos desencarnados* e, por vezes até doentios que proliferam nos dias de hoje. Estamos nos referindo à mística enquanto experiência da pedagogia de Deus. A mística que caracterizou a vida dos profetas e que os fez perceber que a profecia não é resultado do voluntarismo humano e muito menos ainda dos seus caprichos mas elemento imprescindível do projeto de Deus.

2.3.3. O compromisso com a missão

A Vida Religiosa tem dois parâmetros interessantes e indispensáveis para uma consciência geracional. De um lado a consciência sobre o ponto de partida e, por outro lado a consciência sobre o ponto de chegada. Via de regra no ponto de partida está o desejo, expresso por uma indignação ética e, o ponto de chegada é assinalado pela *utopia*. Na Vida Religiosa, assim como no ideal cristão, a grande *utopia* é a concretização do Reino de Deus. O seguimento de Jesus caracteriza a Vida Religiosa, e a identifica como proposta do Reino. O Reino enquanto

tal, se confunde com o próprio Jesus quando ele mesmo afirma: "O Reino de Deus está presente no meio de vós" (Lc 17).

2.3.4. Vida Religiosa em processo

Para a compreensão da categoria *nova geração* enquanto *relação interativa* é necessário entender a Vida Religiosa como um processo que supera as pequenas cronologias e as aporias factuais. Durante o período colonial, por quase cem anos os Jesuítas estiveram impedidos de presença no Brasil, por decisão do Marques de Pombal. Entretanto regressaram em seguida mais florescentes que antes. A interrupção cronológica não foi capaz de impedir o dinamismo.

A dimensão processual caracteriza a *nova geração* como participação, adesão, re-criação no processo histórico da Vida Religiosa. Neste sentido, cada *geração* imprime ao processo o seu jeito próprio, cuidando para não romper os vínculos geracionais necessários. É necessário ter consciência e humildade de reconhecer que a história precede e também vai além da cronologia pessoal.

A participação geracional ocorre como no atletismo em que um/a corredor/a passa o pequeno bastão recebido ao/à companheiro/a seguinte, sabendo que da sincronia entre eles/as dependerá a vitória. Portanto, neste caso, como também nos processos geracionais, a vitória é expressão coletiva ou comunitária. Correr sem passar o bastão é abdicar da vitória; da mesma forma que correr sem pegar o bastão é auto-desclassificar-se.

Portanto, a categoria de *novas gerações* na Vida Religiosa, compreendida como interatividade, supõe o ponto de partida ou a volta ao primeiro amor. Supõe tam-

bém o discernimento através da consciência cristã amadurecida; o compromisso com a missão; e o entendimento da Vida Religiosa como processo.

3. Novas Gerações e desafios da hora presente

A configuração de gerações está marcada também pelos desafios que aparecem mais, ou menos, caracterizados em cada época. Tais desafios tornam-se relevantes quando ocorrem em *época de mudança* e, mais desafiantes ainda quando sinalizam *mudança de época*, como acontece em nossos dias. A compreensão atual sobre *novas gerações* nos obriga forçosamente a analisar os efeitos da *mudança de época* que a pós-modernidade nos impõe e seus reflexos nas estruturas eclesiais e na Vida Religiosa.

3.1. Desafios da pós-modernidade

A abordagem teórica sobre o fenômeno da pós-modernidade, embora sendo ainda uma categoria em processo de assimilação, é já ampla e, por vezes, até polêmica. Para dar sequência à nossa reflexão, basta nos atermos àquilo que é consensual sobre este tema.

Estamos efetivamente no limiar de uma época nova, intuída como necessidade de *novos paradigmas*, diante da descontinuidade no conhecimento científico, fenômeno que tem sido caracterizado como *ruptura epistemológica*. Isto ocorre porque estamos vivendo em plena crise da racionalidade que vigorou por séculos, e que hoje mostra ser insuficiente. Os filósofos, por exemplo, sobretudo os da chamada escola de Frankfurt (Alemanha), descrevem

a racionalidade ocidental como instrumentalização da razão, ou seja, *razão instrumental*. A instrumentalização está relacionada à centralidade na razão como único critério, portanto, transformando o conhecimento científico em ideologia e mito social, isto é, em senso comum científicista. Além disso, a razão instrumental, de acordo com os frankfurtianos, se caracteriza pelo conhecimento concebido como instrumento de dominação, controle e poder sobre a natureza e a sociedade, dissimulado pela ideologia científicista da neutralidade científica¹.

O fato da *razão instrumental* ocasionou um verdadeiro *obstáculo epistemológico*, ou seja, a percepção de que os conceitos, os procedimentos, os instrumentos disponíveis não dão conta de explicar a realidade existente. Portanto, para transpor o *obstáculo epistemológico* é preciso superar as teorias, métodos, e tecnologias existentes, realizando assim a *ruptura epistemológica*, e ao mesmo tempo, elaborar novas teorias, novos métodos e tecnologias. Assim emergem novos paradigmas de conhecimento da realidade que incorporam ou não os conhecimentos e procedimentos anteriores, estabelecendo um processo de descontinuidade e/ou continuidade².

A questão do conhecimento, portanto, é central na conceituação da pós-modernidade. Isto faz com que a pós-modernidade, mais que um tempo, uma cronologia, seja de fato uma atitude, uma postura. Supõe a perda de confiança na razão que caracterizou a modernidade; demonstra também a desilusão diante da frustração

¹ Cf. Chauí, Marilena, - Convite à Filosofia. Ed. Ática, São Paulo, 2003, p.236.

² Idem, p.223.

face aos grandes projetos de realização humana. Pode-se dizer que na verdade, "a pós-modernidade é a modernidade que, diante dos seus próprios mitos, depara-se com seu auto-engano. Talvez seja esta a contribuição e riqueza da pós-modernidade, isto é, denunciar os conteúdos e limites da modernidade"³.

O tema da pós-modernidade é demasiado amplo para ser tratado no âmbito de espaço e tempo da nossa reflexão. Entretanto, é imprescindível assinalar a situação ou o perfil da pessoa humana na imbricação entre modernidade e pós-modernidade. A modernidade, indiscutivelmente, forjou um tipo de pessoa fortemente marcada pela valorização da autonomia individual. Entretanto, este anseio que emerge como que um grito à subjetividade, prossegue na pós-modernidade como situação não equacionada. "A ênfase no indivíduo tem produzido um *hiper-individualismo* que conduz a uma exploração e experimentalismo hedonista que tem como único fim o *eu*. Assistimos assim um processo que passa do indivíduo ao individualismo; do subjetivo ao subjetivismo, desembocando em um narcisismo individual ou coletivo patológico"⁴.

A pós-modernidade recebe também em herança a concepção plural das cosmovisões assinalada pela modernidade e a concebe como pluralismo estético, ou seja, como forma cotidiana de percepção e existência. O pluralismo é um valor; é a capacidade de integração do diferente.

Mesmo não tendo vivido de forma plena a modernidade, e, talvez até por esta

mesma razão, não resta a menor dúvida de que os reflexos do embate com a pós-modernidade se fazem sentir ainda mais fortes nas esferas eclesiais e na Vida Religiosa, afetando sobretudo o relacionamento entre as gerações.

3.2. Desafios intra-eclesiais

Creio que não é possível afirmar com segurança que as mudanças que estão ocorrendo dentro das igrejas e, em particular na Igreja Católica, sejam unicamente consequências da pós-modernidade. É possível que o fenômeno seja mais complexo e tenha a ver inclusive, com os movimentos de *sístole diástole* que caracterizam as instituições eclesiais. Por outro lado, as interferências da pós-modernidade não podem ser descartadas.

Nas décadas precedentes e que sucederam ao período conciliar, a Igreja no Brasil e em inúmeros países da América Latina e Caribe, demonstraram grande unidade ao redor de temas e questões básicas, caracterizando uma verdadeira *geração pós-conciliar*, ou *geração da Igreja dos pobres*, impulsada pela *geração de teólogos/as da libertação*. As Assembléias do episcopado latino-americano, sobretudo as de Medellín e Puebla, constituíram-se em pontos de referência para o agir geracional.

Na década de 90, sobretudo à medida em que o projeto da *nova evangelização* foi ganhando espaço e se concretizando, e ao mesmo tempo em que ocorreram as grandes mudanças mundiais (fragilização do socialismo real; globalização e hegemonia neo-liberal), a ação da geração identificada

³ Mardones, José Maria, - Postmodernidad y Cristianismo. Ed. Sal Terrae, Santander, 1988, pp. 10-11.

⁴ Idem, pp.30-31.

com o contexto conciliar, começa a perder força e espaço. Os quadros na hierarquia das igrejas não foram repostos com os mesmos critérios da visão eclesiológica anterior. Paulatinamente, passou-se da eclesiologia centrada na *igreja povo de Deus* que distinguiu a Constituição *Lumen Gentium*, para uma igreja de *comunhão* centrada na hierarquia.

Neste processo (invertido), as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), são preteridas aos Movimentos; as *show-missas* são preferidas em relação às caminhadas de fé e libertação; o desejo de luta por transformações substanciais, traduzidos em slogans célebres (povo unido jamais será vencido) apontando para utopias, cedeu espaço à incessante busca de *cura interior*, transformando o ambiente eclesial numa grande enfermaria, onde entre combalidos pela vitória que não aconteceu, e os enfermos da hora presente, todos padecem enfermidades com possibilidade de se tornar epidemia. Efetivamente passou-se de Prometeu (símbolo por excelência da revolta na ordem metafísica e religiosa, encarnando a recusa do absurdo da condição humana) a Narciso (perdido na contemplação de si mesmo).

Estas mudanças trazem uma série de questões e desafios, alguns inclusive analisados e pontuados na "Conferência sobre o Cristianismo na América Latina e no Caribe", realizada em São Paulo, em fins de julho de 2003. Ali falou-se em *centralismo eclesial* como equívoco de pensar que a unidade da Igreja significa reduzi-la à uniformidade esterilizante e padronizadora de formas externas de

expressar a eclesialidade. Falou-se também que é urgente *retomar as correntezas profundas*, ou seja, *apostar na visão bíblica de Igreja Povo de Deus, na formação de comunidades; em continuar cultivando a prática libertadora do Evangelho; em prosseguir com a leitura popular da Bíblia; continuar a busca de um novo modelo de Igreja: participativa, superando dicotomias e cultivando fraternidade; uma Igreja ministerial, que valorize os novos sujeitos eclesiais, fortalecedora da solidariedade e do compromisso com a causa da vida. Por fim, embora ainda em forma de indagação, falou-se em novo processo conciliar*⁵.

Libânio, falando sobre o "enfrentamento com a modernidade e a pós-modernidade" salienta que um dos desafios para a Igreja é a *dupla cosmovisão atual*. Em seu recente livro, *olhando para o futuro*, Libânio enfatiza que "o cristianismo trava o embate com uma dupla cosmovisão atual em termos bem amplos. Trata-se da coexistência de um modelo religioso e de outro secular. O modelo religioso, que parecia ter sido condenado ao desaparecimento, emerge hoje com força. Preside a ele o critério da busca da harmonia entre natureza, pessoa, sociedade". Entretanto, "predomina o modelo secular da cosmovisão ocidental que molda-se pela competitividade, em que se busca a vitória de um sobre o outro"⁶.

As mudanças de época, sentidas de maneira forte em todo o contexto social, são igualmente marcantes na esfera eclesial. As gerações de ontem e de hoje, não têm como ligação entre si, nada mais que cor-

⁵ Cf. Valentini, Demétrio, - Perspectivas teológicas e pastoral da Igreja na América Latina, in Cristianismo na América Latina e no Caribe. Paulinas, São Paulo, 2003, pp.373-380.

⁶ Libânio, João Batista, - Olhando para o Futuro. Ed. Loyola, São Paulo, 2003, pp. 63-64.

dialidades. Portanto, não ocorre aqui um processo de interatividade, mas uma ruptura onde as fronteiras entre uma e outra geração se tocam, mas não se permeiam.

3.3. *Desafios ao interior da Vida Religiosa*

Na Vida Religiosa, o fenômeno das *novas gerações* vem marcado por antecedentes ainda não resolvidos e que se somam àqueles que são próprios do mundo de hoje. O padre José Comblin, renomado teólogo, octogenário, falando sobre os "Interrogantes da Vida Religiosa no Século XXI", em artigo recém publicado na Revista Convergência, diz que "desde a grande revolução cultural do ocidente em 1967/8, essa grande virada que sacudiu as instituições, as doutrinas, as ideologias, as hierarquias sociais de todo tipo, inclusive as instituições religiosas, muitos religiosos e religiosas entraram em estado de crise porque entraram numa fase de insegurança. Esta crise não foi superada e ainda está latente porque não recebeu resposta adequada". Para o Pe. Comblin, "na realidade, a crise dos religiosos é apenas um aspecto de uma crise generalizada da Igreja Católica e dificilmente poderá ser superada se não for superada a crise da Igreja"⁷.

À esta crise persistente, somam-se na Vida Religiosa os desafios da modernidade e da pós-modernidade. A verdade é que as *novas gerações* na Vida Religiosa vivem os impactos da pós-modernidade sem que a Vida Religiosa tenha passado pela modernidade. Com o Concílio houve como que um salto onde a Vida Religiosa passou do

pré-moderno ao pós-moderno sem ter vivenciado os valores de pessoa, de individualização, de autonomia e, sobretudo de liberdade, trazidos pela modernidade.

A pós-modernidade, embora tenha reafirmado valores imprescindíveis, tais como a subjetividade, o pluralismo, a provisoriamente, entretanto tem ocasionado também um certo resvalo para o subjetivismo, a descontinuidade, a satisfação plena com o *status quo*. O anseio da grande utopia desaparece e é preenchido pelo prazer imediato. É possível que a *ruptura epistemológica* que caracteriza a pós-modernidade, esteja determinando também uma ruptura de gerações. Estabelece-se assim uma crise de linguagem e de sentido. As gerações precedente e atual, eventualmente, falam a mesma linguagem, porém com sentido diferente. Isto torna-se patente quando o discurso versa sobre consagração, votos, compromisso. Cada qual entende a seu modo, embora as palavras sejam as mesmas.

O Pe. Comblin faz uma séria constatação ao dizer que "hoje em dia a geração de Medellín e da CLAR já está chegando a uma idade avançada. Daqui a 20 anos ela terá desaparecido. Não parece que depois dela haverá continuidade. Ora, essa geração se dava a impressão e dava a muitos a impressão de ter solucionado o problema da Vida Religiosa"⁸. Pode parecer uma conclusão frustrante e frustradora. Entretanto, quanto maior o desafio, maior também deve ser a coragem de enfrentá-lo.

Portanto, mesmo que a realidade das *novas gerações* na Vida Religiosa esteja agra-

⁷ Comblin, José, - Os interrogantes da Vida Religiosa no Século XXI, in Convergência, março/2004, n. 370, p.76.

⁸ Idem, p.85.

vada pela *mudança de época* expressa pela pós-modernidade; mesmo que a ruptura epistemológica seja um fato inegável, o relacionamento entre as gerações é fundamental como garante da própria Vida Religiosa. Sem *nova geração* não haverá a nova Vida Religiosa apontada pela *refundação*.

4. Geração Refundação

A conclusão parece óbvia. O futuro da Vida Religiosa dependerá da interatividade entre as gerações. A geração anterior compartilhará com a nova as suas experiências (mística), ousadias (profecia), testemunho (memória martirial), fidelidade; e, da nova geração receberá o vigor e a certeza incontestes do seguimento a Jesus. É possível que ambas gerações, comprometidas com a *refundação* concluam que para além de qualquer outra particularidade ou situação, o que realmente importa é fazer da Vida Religiosa uma profunda experiência de Deus. Aí se dá o ponto de encontro entre gerações.

A Vida Religiosa participa do ministério e do mistério da Igreja, e, como tal é serviço, mas é também sinal escatológico. Esta compreensão fundante ultrapassa os limites primários que caracterizam as gerações e permite compreendê-las à luz de referências básicas tais como a mística e a profecia enquanto experiências de Deus. Por certo, a

expressão mística aqui está entendida no mais profundo sentido cristão: intimidade com o mistério do Deus Trino revelado em Jesus Cristo e vivificado pelo Espírito. A mística é linguagem e expressão da profecia. Não há verdadeira e autêntica profecia sem mística. Na base da profecia está a pedagogia de Deus. O profeta não fala o que quer, mas o que Deus o manda falar. Assim são os religiosos/as e a Vida Religiosa, enquanto permanente escola no seguimento.

A recuperação da mística na perspectiva da refundação da Vida Religiosa é o ponto de interseção entre pessoas de cronologias diferentes, porém constituindo uma mesma geração. O critério vinculante é reforçado ou não através de outras práticas: metodologia, opções, estratégias. Entretanto, a práxis mística vai além e permite uma leitura sempre positiva até mesmo em circunstâncias desfavoráveis. Não há geração vencida ou frustrada à luz da mística evangélica, ela transcende o imediato, o provisório, o temporal e se confunde com a utopia do Reino.

Certamente que as gerações na Vida Religiosa terão ainda muito que conversar, mas por aí, parece estar um bom início de conversa.

Endereço do autor:

Rua 13 de maio, 452 - Bela Vista
01327-000 São Paulo - SP

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Por que a questão "novas gerações e Vida Religiosa" tornou-se particularmente relevante hoje?
- 2- Na sua comunidade, existe consenso na maneira de entender a expressão "novas gerações"?
- 3- No seu entender, dentro da temática "novas gerações", quais são os desafios da hora presente que apresentam maior caráter de urgência? Por que?

A mulher escondida na Freira*

A percepção da identidade feminina na mulher consagrada

TERESINHA DORIGON VIEIRA (IENS)

Procuo neste texto refletir sobre a identidade feminina da mulher dentro da instituição religiosa. O mesmo é fruto de uma pesquisa fenomenológica sobre a percepção das questões de gênero na subjetividade da mulher consagrada bem como o papel da instituição na constituição do ser sujeito.

Partindo do pressuposto de que, socialmente, a mulher deve desempenhar alguns papéis como a maternidade, o casamento, para ser considerada mulher completa, pergunto-me como se dá esse processo na mulher consagrada, visto que, frequentemente, entra numa instituição ainda adolescente. Como ela é orientada e como percebe este processo formativo na vida religiosa? Para esta escuta foram ouvidas três irmãs de diferentes congregações.

Saberes construídos sobre o feminino

Um pouco de história

No início do cristianismo, o ideal cristão do amor universal de Jesus enchia o coração de homens e mulheres que desejavam mudar o mundo¹. Jesus trouxe um amor universal, sem distinção de condição

social, raça, sexo. No entanto a condição feminina continua desfavorável. O amor cristão era perigoso para o Estado e inconciliável com o dever fundamental romano que consistia na dedicação à família, aos antepassados, aos descendentes. Amar sem distinção de laços sanguíneos constituía um atentado ao destino.

Numa concepção patriarcal das relações, cabia à mulher o papel de ser submissa ao homem e procriar. O ideal da virgindade surgia então como possibilidade de liberdade. As heroínas e mártires despontavam como símbolo de liberdade a todo custo. Homens e mulheres se tornavam camaradas lutando unidos de forma igualitária e andrógina.

Na idade média a situação da mulher cristã se torna complexa a ponto de muitas serem tidas como feiticeiras pelo fato de serem orgásticas. A mulher não poderia saber o que era prazer se não tivesse copulado com satanás.² Por outro lado, houve um enorme florescimento do movimento religioso feminino. Apesar de certa vulgarização, houve um aumento maciço de mulheres consagradas a Deus. Algumas mulheres como Catarina de Sena (1380)

* Título do Livro de Alicia Fernandez - A mulher escondida na professora

¹ KESSEL, Elisja Schulte van. Virgens e mães entre o céu e a terra. In. DUBY, Georges, PERROT, Michelle. História das Mulheres no Ocidente. Roma: Laterza & Figli Spa, 1991.

² MURARO, Rose Marie e BOFF, L. Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

influenciaram em decisões papais sendo seguidas por outras tantas que pretendiam uma religião do Espírito. A castidade feminina foi se tornando um sinal de santidade. Nenhuma categoria de mulheres subiu tanto na estima coletiva como a das primeiras virgens cristãs. Curiosamente não aparecia entre os santos nenhuma “confessora” feminina, mas também, nenhum “virgem” masculino³.

Por outro lado, um grande triunfo feminino da época foi promovido pela própria Igreja quando possibilitou que a mulher recusasse o casamento imposto pelos pais, ou mesmo estando casada, pudesse abandonar o marido e ingressar num convento. A mulher pode fazer uma opção diferente daquela pensada pelo pai ou marido, sendo ainda senhora do seu próprio corpo. Podia trocar uma prática sexual obrigada por outra por uma escolhida por ela mesma. Pode-se argumentar que é um preço alto a pagar⁴. Simbolicamente se reproduzia, no casamento com Cristo, o casamento místico das virgens, deusas e doutoras.

Fora do casamento as mulheres obtinham vantagens que a sociedade lhes negava como o controle da própria natureza, buscas espirituais e intelectuais, fundações de instituições próprias que elas mesmas dirigiam. A assistência social era a única prática possível fora de casa.

A partir das reformas de Trento os conventos se tornam mais fechados, com ênfase na clausura, com modelos de construção determinados de forma que fosse afas-

tado o convívio popular e dos mosteiros masculinos. Estas medidas visavam diminuir a popularidade das religiosas, impor o silêncio, afastando a possibilidade da divisão do poder com a hierarquia.

Só no século XX as religiosas permitiram-se pensar nas influências do patriarcado. O feminismo iniciado no século XVII mexeu com os padrões do comportamento humano estabelecidos pelo sistema patriarcal. Lutou com análises e organizações reivindicativas para extinguir as mais variadas formas de opressão impostas às mulheres pelos homens. Acreditava-se que a suposta inferioridade das mulheres era tão natural quanto a suposta superioridade deles.

Devido aos exageros do início do movimento o termo “feminista” foi banido das rodas de conversa das religiosas. No entanto permanece o “sonho do profundo reencontro com a identidade feminina, permanece a busca da edificação de novos modelos de mulher, a construção do novo nascimento”⁵.

Questões de gênero

As questões de gênero vêm sendo analisadas sob diversas óticas. O termo “gênero” tem sido usado pelas feministas americanas para referir-se à organização social da relação entre os sexos. Indicava ainda a rejeição do determinismo biológico implícito no uso dos termos como “sexo” ou “diferença sexual”. Segundo este entendimento de gênero, mulheres e homens de-

³ KESSEL, Elisja Schulte van.

⁴ BARROS, Maria N. Alvin de. As Deusas e as Bruxas e a Igreja. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2001.

⁵ SIERRA, Rosa A O, ANJOS, Márcio F dos. Gênero e Poder na vida religiosa. Rio de Janeiro: Loyola, 1999.

veriam ser definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de algum deles poderia ser alcançada em separado⁶.

O feminismo ocupou-se em desenvolver uma perspectiva observando tanto a história dos homens quanto a das mulheres, com o objetivo de descobrir a importância dos sexos, dos grupos e dos gêneros no passado. Além disso, descobrir o alcance dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas diferentes sociedades e períodos percebendo os sentidos e como funcionavam para manter a ordem social e/ou mudá-la.

Segundo a perspectiva de Scott (1990) há que se elaborar uma categoria de análise. Dessa forma, inscrever as mulheres na história implica na redefinição e alargamento das noções tradicionais daquilo que é historicamente importante para incluir tanto experiência pessoal e subjetiva quanto atividades públicas e políticas. Haveria necessidade não só de uma nova história das mulheres, mas igualmente de uma nova história.

A autora define então gênero como "uma maneira de indicar construções sociais" – a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. É uma maneira de referir-se às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres⁷. O gênero é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado.

São apresentadas três posições teóricas para o entendimento da formação da identidade de gênero. Uma baseia-se no patriarcado apontando que a subordinação das mulhe-

res encontra explicação na "necessidade" masculina de dominar as mulheres. A chave do patriarcado pode estar na reprodução ou na sexualidade em si mesma. Há que se discutir como as desigualdades de gênero afetam outros domínios que, aparentemente, não estão ligados ao patriarcado.

Uma segunda corrente liga-se ao feminismo marxista fazendo uma abordagem de cunho mais histórico como lhe é próprio. Porém o marxismo oferece uma explicação puramente material o que limita o desenvolvimento de novas direções de análise. Há uma insistência em desvincular modos de produção das origens e transformações dos sistemas de gênero como se estes acontecessem fora da divisão sexual do trabalho.

A terceira teoria ligada a escolas psicanalíticas vê o papel da linguagem como elemento central na comunicação, na interpretação e representação de gênero. A linguagem, neste caso, não designa somente as palavras, mas os sistemas de significação, as ordens simbólicas que precedem o domínio da palavra. O problema da teoria psicanalítica é que defende uma fixação exclusiva nas questões do "sujeito" pela tendência a reificar, como dimensão principal de gênero, o antagonismo subjetivamente produzido entre homens e mulheres. Mesmo que considere as relações sociais como fundamental na construção do sujeito, ela não permite introduzir uma noção de especificidade e de variabilidade histórica.

Foi atribuída somente ao homem a capacidade de sublimar e simbolizar. No entan-

⁶ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In Educação e realidade. Porto Alegre, n.16, p. 5-22, jul/dez, 1990.

⁷ SCOTT, Joan.

to, há que se considerar a historicidade da sexualidade observando que tanto mulheres quanto homens são capazes de simbolizar e pensar. O que aconteceu é que a elas foi negada essa possibilidade pela hegemonia do patriarcado que insistiu em mantê-las fora do mundo simbólico masculino⁸.

Gênero é, portanto, "um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder"⁹. Este conceito implica em símbolos culturalmente disponíveis (na história da Vida Religiosa das mulheres), conceitos normativos (em doutrinas religiosas, educativas, científicas), rompimento com a noção de fixidez da representação binária de gênero e a noção de identidade subjetiva.

É necessário dar atenção aos sistemas simbólicos, aos modos como as sociedades representam os gêneros, servem-se deles para articular relações sociais ou para construir os sentidos das experiências. Sem o sentido não há experiência; sem o processo de significação não há sentido. Uma teoria deve levar em consideração a linguagem para poder perceber os poderosos papéis que os símbolos, as metáforas e os conceitos jogam na edificação da personalidade e da história humana.

Na vida religiosa feminina o estereótipo da mulher submetida continua forte. Até pouco tempo muitas congregações dedicavam-se a trabalhos domésticos servin-

do ao clero repetindo a subordinação da mulher em casa.

Uma reflexão crítica já vem sendo feita por alguns grupos de consagradas, através de estudos sobre as questões de gênero apoiadas pela CRB. No entanto, paira ainda a suspeita ao se falar de feminismo nos círculos de religiosas. Há receio em declarar-se simpatizante, militante ou adepta das teorias feministas é, até mesmo, usar o termo em eventos promovidos por irmãs mesmo em se tratando do tema:

Além disso, de acordo com Grossi¹⁰, na cultura religiosa dos conventos o trabalho constitui o "jeito de freira". Ou seja, para ser reconhecida como verdadeira religiosa a mulher deve dispor-se a ocupar todos os minutos do seu tempo com afazeres, impedindo assim que ela dedique algum tempo para o estudo, auto-cultivo, investigação sobre seu estilo de vida e identidade como mulher dentro de uma instituição pensada pelo masculino.

As instituições religiosas

As instituições religiosas são definidas por "instituições totais" por servirem como local de residência e trabalho para um grande número de indivíduos, com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levando uma vida fechada e formalmente administrada¹¹.

Essa organização leva à produção de um saber que nem sempre é administrável, mas

⁸ MURARO, Rose Marie e BOFF, L. O.C.

⁹ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In Educação e realidade. Porto Alegre, n.16, p. 5-22, jul/dez, 1990.

¹⁰ GROSSI, Miriam Pillar. Jeito de Freira: estudo antropológico sobre a vocação religiosa masculina. Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas. São Paulo, (73), p.48-58, maio de 1990.

¹¹ Cf. GOFFMAN, Erving. Manicômios, Prisões e Conventos. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1990.

que tem a pretensão de sê-lo¹². Ou seja, existem saberes dentro das instituições, mesmo das religiosas que escapam ao controle pretendido, por exemplo pelo voto de obediência. Isso, segundo Foucault (1999), porque as subjetividades são diferentes.

Na tentativa de administrar as subjetividades as instituições religiosas lançaram mão de um sistema educacional com uma dimensão disciplinadora que permitia o controle minucioso das operações do corpo que asseguram a sujeição constante de suas formas e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade.

A educação feminina nos conventos caracterizou-se historicamente por um processo de sujeição. O conhecimento passado às jovens servia para introjetar sentimentos de inferioridade, submissão e subserviência, de modo que esse adestramento contribuiu para produzir um tipo de conhecimento diferente daquele conquistado pelo sexo masculino. Um tipo de conhecimento que se caracteriza por vencer as dificuldades ligadas a obedecer e a praticar um modesto silêncio. Pensar essas práticas, hoje, possibilita modificar o futuro. Pois as práticas disciplinares do feminino foram calcadas pelas diferenças entre os sexos e reforçadas pelas instituições sociais como escola, família, mídia. Além disso a disciplina tinha também como função aumentar as forças do corpo e diminuir as forças em termos políticos¹³.

As "instituições totais", caracterizadas pelo "fechamento" chegam a criar barreiras para impedir o relacionamento dos indivíduos com o mundo externo através de

normas proibitivas e impedimentos físicos (muros, grades). Além da imposição de uma outra cultura aos internos e a impossibilidade de transpor elementos da cultura familiar para dentro da instituição, há o surgimento de uma série de conflitos, uma tensão entre o mundo doméstico e o institucional. Além disso, as pessoas passam a ter dificuldades em se reconhecerem como sujeitos, pois o conceito que traziam de si, embasado na aceitação social, nos direitos que possuíam, começa a ser mudado à medida em que são obrigados a abrir mão do seu estilo de vestir-se, do uso de objetos pessoais e usarem fardamentos assumindo atitudes diferentes das costumeiras.

Na vida normal os indivíduos precisam de um "estojo de identidade" para o controle de sua aparência. Ao perder isso e passar por um processo de desfiguração, a pessoa perde a sua identidade e com isso a sua segurança pessoal.

Considerando as instituições femininas com referência aos elementos acima, pode-se imaginar os conflitos de identidade levando-se em conta as exigências estéticas, de higiene e cuidados pessoais que a sociedade impõe às mulheres.

E a mulher torna-se freira

Após ouvir três irmãs de diferentes congregações e estudar suas falas através da análise de discurso cheguei a várias categorias das quais destaco algumas como: a instituição e discurso religioso; "jeito de freira"; trabalho/missão.

Na análise de discurso considera-se as condições de produção, o contexto e a his-

¹² Cf. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1999.

¹³ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1999.

tória do sujeito. Pois o discurso do sujeito reflete suas condições socioeconômicas, sua posição ideológica¹⁴.

A instituição e o discurso religioso

Nas falas das pessoas estão presentes o significado da instituição nas suas vidas, heranças familiares e culturais, bem como o sentido dado ao discurso instituído a partir da história de vida que cada uma construiu.

A jovem olha para as irmãs

Visto que a formação para a vida religiosa começa muito cedo, quando a jovem chega à instituição, ainda é adolescente. Está construindo ainda a sua identidade como pessoa, como mulher. Esta é uma etapa marcada por crises consideradas fatores normais do desenvolvimento. Essa fase caracteriza-se ainda pela rejeição dos pais e pela busca do grupo de iguais como fator identificatório.

Falando sobre suas expectativas na aula de sexualidade, quando formanda, uma irmã relata que vinha uma irmã toda rígida e esquisita e falava sobre menstruação e cuidados de higiene. As adolescentes dormiam na aula de formação, pois estes assuntos não lhe interessavam. Elas buscavam então as informações desejadas fora do convento, com professores e outras pessoas. Neste período, as jovens têm necessidade de verbalizar suas ansiedades frente a opção de vida que estão fazendo. Esta verbalização ajuda no entendimento do

que está acontecendo consigo e viabiliza o processo de subjetivação. Caso contrário o processo fica em aberto e instaura-se a insegurança frente ao outro sexo pois os contatos eram vistos "como algo que desvirtuaria a vocação".

Discurso X realidade

Faz-se necessário entender que o discurso religioso é caracterizado por ser autoritário. O discurso autoritário não possui reversibilidade – a troca de papéis na interação que constitui o discurso e que o discurso constitui. Pois a reversibilidade é condição para o discurso. No discurso autoritário a reversibilidade tende a zero. Neste caso permanece a ilusão da reversibilidade. Como se o ouvinte pudesse ser sujeito, o que não acontece. Deve repetir o discurso que vem da instância superior, sempre. O discurso autoritário é ainda monossêmico e parafrástico. Não há possibilidade de outros sentidos porque o signo se fecha e irrompe a voz da autoridade (Deus, seus sucessores...)¹⁵.

Nesse sentido o discurso das irmãs apontam para uma falha. No plano teórico me sinto muito contemplada como mulher. Mas creio que isso faça muita falta. Poder conversar, não a partir do plano teórico, mas do real. Então se o discurso da congregação já está definido a partir do discurso religioso superior, como poderá ser estabelecido um diálogo sem que seja possível colocar em dúvida o estabelecido? Neste sentido, as propostas bonitas das or-

¹⁴ Cf. SITYA, Celestina V.M. A lingüística textual e a análise do discurso. Frederico Westphalen: URI, 1995.

¹⁵ Cf. ORLANDI, Eni P. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. Campinas, SP: Pontes, 1987).

dens religiosas podem funcionar como a "ilusão da reversibilidade" que deve ser mantida em função da própria continuidade do discurso.

Existem conteúdos que não podem ser abordados, ou se pensa não poder porque sempre foi assim, por se relacionarem à norma estabelecida. Então se compreende a frustração de uma adolescente que não pode falar sobre a sua sexualidade. Ela não se refere a atuar a sexualidade, mas dialogar sobre. A sexualidade real encontra dificuldade ou quem sabe impossibilidade de ser compreendida no discurso religioso como está posto.

Instituição: uniformização e anulação do sujeito

A instituição religiosa passa a ser, para a pessoa, como um amplo e complexo aparelho que substituirá as formas de referências com relação ao mundo exterior. Uma irmã revela que percebe o controle em vários aspectos no que diz respeito ao subjetivo. Controle da organização do tempo, da vestimenta, dos textos a serem rezados. Enfim, organiza a vida da pessoa para que ela passe a pertencer a um outro mundo que não aquele que havia construído antes. Esse tipo de leitura não procura desmerecer a organização secular da Vida Consagrada, mas apontar que se pode refletir sobre os resultados do estilo de organização na subjetividade das pessoas. Pois o rompimento com o mundo atinge as disposições básicas da sociedade moderna que é a convivência com diversos grupos em diversas instâncias e abrangências. Essas disposições básicas podem ser desestruturadas por uma rotina coletiva, em especial na formação inicial. Há uma perda qualitativa

no âmbito das relações. Além disso, as pessoas podem apresentar dificuldades em se reconhecer, pois o conceito de si e de aceitação social foi mudado.

O processo de desapego proposto pode ir despindo a pessoa daquilo que ela estava habituada a ter e fazer, gerando instabilidade e vulnerabilidade a ponto de uma jovem não saber como comportar-se frente ao homem. Ao adquirir hábitos novos pode haver a perda da autonomia, deixar de ser sujeito desejante, passando a depender do desejo do outro, das escolhas. Passar a ser pensado pelos outros.

O resultado das proibições

A instituição necessita formar pessoas de modo que estejam associados aos seus fins. No entanto as irmãs entrevistadas mostraram que as pessoas se ressentem da falta de autonomia. Principalmente em se tratando de manter contato com o mundo externo. Há dificuldades na relação com o masculino, em admitir diferenças.

Uma revela um ressentimento velado. Ela prepara toda a comunidade, mas na hora de realizar o sacramento, no momento culminante é o homem que entra. O poder está instituído de forma diversa para mulheres e homens na Igreja. Há conformidade na divisão dos papéis sexuais. A noção binária (papéis de homem e papéis de mulher) está pré-estabelecida e não é questionada, havendo adaptação pacífica da mulher.

"Jeito de freira"

O "jeito de freira", expressão usada por Gossi (1990) citando características específicas como submissão, ocupação do tempo pelo trabalho, vida doméstica. Até o trabalho manual é considerado recreação e

lazer¹⁶. A ação-laboral exerce uma ligação entre o trabalho e o momento de descanso e convívio grupal¹⁷. Não é o propósito deste trabalho analisar as causas das irmãs estarem sempre ocupadas com algum afazer, mas é, no mínimo, curioso.

Duas entrevistadas expressaram que a mulher é portadora de algumas características como ternura, delicadeza, sensibilidade. Há irmãs que se atrapalham ao se depararem com posições mais objetivas. Esses relatos apontam para os clássicos estereótipos que colocam a mulher no centro das capacidades expressivas e o homem no domínio das capacidades instrumentais. A mulher tende a reprimir suas capacidades agressivas e sentir-se culpada ao invés de usá-la de forma adequada¹⁸. Como consequência esse modo de subjetivação das mulheres em nossa cultura, em que a hostilidade deve ser inibida, resulta num dos fatores fundamentais ligados à depressão nas mulheres.

O feminino não dito

Há insistência na necessidade de falar sobre as coisas femininas. Retomando a idéia do discurso autoritário entende-se o porquê da ausência da conversação sobre a feminilidade nos grupos de religiosas. Como abrir um diálogo sobre algo que não pode ser mudado? Algo que está dito.

As perguntas estão sendo feitas. Por que não se aborda as questões de maternidade, sendo que este é um grande desejo das

mulheres? As dinâmicas do feminino, o que significam para a mulher? O machismo/patriarcalismo presente nos textos sagrados? Na teologia? Na escassez de teólogas, escritoras? O diálogo não é proibido, mas o silenciamento é automático.

Por que se deseja tanto falar sobre o feminino na Vida Religiosa? Seria uma necessidade de significação? Seria o anseio de tornar real, através da verbalização, aquilo que se é, mas que não se tem certeza de sê-lo? Ou será que se esconde, na solicitação da fala, a dúvida de que, se o feminino não é falado, seria por tratar-se de algo que não existe, ou não se sabe o que se é? O que é claro é que aparece a necessidade de significar. A significação passa pelo processo de verbalização. Mas passa pela concretização também.

Talvez poderíamos pensar que verbalização em torno da feminilidade possa expressar uma forma de substituição do concreto. A mulher-mãe vê a concretização de sua feminilidade na presença do filho(a). Já a mulher freira não tem essa vivência concreta. Necessita romper o silêncio como forma de apropriar-se do significante feminino, como forma de subjetivação.

Além disso devemos considerar toda a história do silêncio que foi imposto como valor e regra de vida às irmãs. O silêncio era o "adorno" das religiosas porque era o "adorno de Nosso Senhor". A vida religiosa, ao despojar-se dos adorno

¹⁶ Cf. GROSSI, Míriam Pillar. Jeito de Freira: estudo antropológico sobre a vocação religiosa masculina. Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas. São Paulo, (73), p.48-58, maio de 1990.

¹⁷ Cf. VENTURIN, Teresinha. Formação religiosa para o século XXI - Freira, mulher, cidadã. Petrópolis: Vozes, 2001.

¹⁸ Cf. BURIN, Mabel. El malestar de las mujeres. La tranquilidad recetada. Bueno Aires: Paidós, 1990.

nos mundanos, conservaria o silêncio como sua maior beleza¹⁹.

Percebe-se a possibilidade de, através da imposição de um discurso, o discurso sagrado ou religioso, este ocupar o lugar do sujeito falante. A pessoa necessita de uma subjetividade. Pois como diz S. Tomás de Aquino, a graça supõe a natureza. O silêncio produtivo, criativo que parte da pessoa, é uma necessidade da modernidade. Não se pode ver o silêncio como vazio, desocupação e entulhá-lo de palavras. Pois, no início, antes da Palavra, era o silêncio. O problema foi que, de uma necessidade, ele passou a ser uma imposição, com conotação de silenciamento.

No início era o silêncio, agora é a comunicação²⁰. A relação da comunicação com a produção do conhecimento, como ciência, acentuada na modernidade, também pode estar incluída na exigência de maior comunicação das religiosas. Querem entender, fundamentar também cientificamente a sua condição. A ciência fornece poder e completa sentidos.

As formas de subjetivação passam ainda sobre o falar sobre o feminino. Importa comentar as produções do feminino já simbolizadas na teologia, psicologia, antropologia; enfim, através daquelas ciências, que, mais de perto, contribuem para o entendimento do ser humano como sujeito.

Falar das suas coisas, dos seus feitos e conquistas como mulher, contribui para a construção e atualização da pessoa como sujeito de autoridade nos projetos que desenvolve.

A comunidade religiosa apresenta-se como espaço privilegiado a essa construção.

O machismo das irmãs

Além de criticar a postura de reprodução dos contra-valores da modernidade, tida como postura "machista", pois até então permanecia a hegemonia masculina. As entrevistadas deixam entrever que possuem uma noção polarizada de feminilidade e masculinidade. De alguma forma, reforçam que existem algumas características que são só de mulheres, como a ternura, delicadeza; outras que são próprias do homem como a objetividade, agressividade. Ou seja, o melhor caminho talvez não seja um lado pôr as culpas no outro. Mas fazer o novo caminho, construir a nova história.

Ser religiosa é também ser mãe?

Para duas entrevistadas a maternidade é constitutiva do feminino podendo ser ela de natureza biológica ou não. A maternidade pode ser exercida a partir do cultivo por relações de qualidade, visto que a mulher assume-se como cuidadora.

Além disso, ser mulher religiosa, é também interagir com o masculino, dialogar com outras diferenças. Entrar em contato com o enigma do ser humano²¹, do auto e hétero conhecimento. O caminho da integração passa primeiro por Atenas, lugar da poesia, da cultura; depois por Corinto, cidade dos dois portos, pelo diálogo, pela alteridade. Mas ninguém consegue viver de modo harmonioso sem chegar a Delfos, ci-

¹⁹ Cf. PASSOS, Elizete Silva. A Educação das Virgens - um estudo do cotidiano do Colégio Nossa Senhora das Mercês. Rio de Janeiro: Universitária Santa Úrsula, 1995.

²⁰ Cf. ORLANDI, Eni P. As formas do silêncio no movimento dos sentidos. Campinas: UNICAMP, 1993.

²¹ Cf. MOSER, Antônio. O enigma da esfinge: a sexualidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

dade dos deuses. Só quando vivida como dom divino, a sexualidade abre novos horizontes de vida.

O novo que está surgindo / novo jeito de ser religiosa

Muitas perspectivas foram apontadas como o novo que está despontando na Vida Consagrada. Muitas mulheres consagradas estão tomando iniciativa de se aprofundarem na busca, no autocultivo. Estão produzindo conhecimento em todas as áreas. Estão contribuindo para o avanço da reflexão nas suas províncias. As mais jovens estão criando espaços próprios, refletindo dentro da mística feminina.

Elas estão resgatando as histórias pessoais, as origens familiares e culturais, reconstruindo assim as próprias subjetividades. Descobre-se o valor da corporeidade, a integração da sexualidade e vislumbrando o rompimento dos estereótipos de gênero.

Com o maior acesso ao conhecimento, a mulher também percebe novas formas de

relacionar-se com o diferente, de trabalho nas equipes, novas metodologias e estratégias baseadas no diálogo. São exigentes e requerem até desconstrução de modelos pré-estabelecidos. Ao invés de reforçar o sofrimento, valorizar a arte, a beleza, o gozo e o prazer de viver.

Este trabalho foi um exercício de repensar o ser feminino na vida consagrada, tentando entender, através das falas o que se passa no íntimo das pessoas. Lembrando que estudar o feminino não significa desmerecer o masculino, e sim o reconhecimento de todas as pessoas como sujeitos pensantes, capazes de criar, de gerar vida.

Obtive algumas respostas, mas outras tantas questões ainda permanecem em aberto. Quiçá, produzamos juntas/os a complementaridade que nos falta.

Endereço da autora:
Av. Protásio Alves, 2493
90410-002 Porto Alegre - RS
Fone: (51 xx) 3331 9111 / 91857623
e-mail: teredorigon@santainesrs.com.br

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Por que a questão da identidade feminina merece ser objeto de reflexão e debate nas comunidades religiosas?
- 2- Como interessar religiosos e religiosas no aprofundamento dessa questão?
- 3- Que aspectos do texto chamaram mais a sua atenção? Por quê?

A Espiritualidade da Mesa, da Refeição e da Festa

Uma realidade humana latente à Eucaristia

MARCELLO CARLOS DA SILVA, SSS

*A mesa da refeição é o lugar por excelência onde
A natureza nos serve com seus frutos...
Pura relação, doação, inter-comum-união de corpos,
Em constante estado de morte...
Mas, também de ressurreição.*

*Como trigo partido para ser pão,
Vida entregue para saciar o irmão...
A mesa da refeição e da festa,
Integra, redime e eleva o ser destituído de sua dignidade,
De sua capacidade de sonhar
Com o Pão Bendito de cada dia.*

*A mesa da refeição está prenhe de vida...
Aos que dela se aproximam, uma nova partida...¹*

I - O tema em questão

Esse tema nasceu de um *desejo ardente* de me encontrar de novo à mesa, de uma *exigência da faculdade*, para que eu concluísse meu curso de Teologia e, também, como resultado de *um amor apaixonado* que sinto pelas "coisas da Eucaristia". Assim, busquei despertar e conjugar o *sábio*, o *místico* e o *artista* que há dentro de mim, como dentro de cada um de nós e que, por vezes, se encontra adormecido em meio ao nosso "mundo agitado e corrido". O cami-

nho de reencantamento desses seres é o movimento em torno à mesa da refeição e da festa. Eis o que pretendo partilhar com o(a) leitor(a) desse artigo. Na tentativa de fazer dessa reflexão-partilha um caminho, um ato de educar, ou seja, *de ajudar a tirar para fora* o que está dentro, de desentranhar e desdobrar as entranhas e as dobras que ainda existem em nós, ofereço alguns pontos de aprofundamento a quem possa sentir-se atraído pelo tema.

Em tempos de *stress*, de falta de tempo,

¹ Esse artigo é uma reformulação do primeiro capítulo da Monografia de conclusão do curso de Teologia do ISTA, intitulada: *A Ceia Eucarística: Realidade humana, Convite e Esperança*. O poema é tomado do mesmo trabalho.

de excesso de atividades e de renovação da Vida Religiosa, a Eucaristia, numa perspectiva antropológica tem muito a nos dizer, vista a partir da matriz "mesa-refeição-festa". Ou seja, antes de irmos para as nossas capelas celebrar a Eucaristia, devemos redescobri-la nas experiências diárias em torno de nossa mesa da refeição em nossas comunidades religiosas; até mesmo da nossa família, que um dia deixamos para nos incorporar àquela a que pertencemos atualmente. Não podemos esquecer que as melhores lições de nossa vida familiar, dos valores firmados em nossa conduta vieram da mesa da refeição. Por isso é bom perguntarmos a nós mesmos, nesse início de conversa: como foi a minha relação com essa mesa tão sagrada na minha família primeira? E hoje, nesta família religiosa em constante construção, como nos relacionamos a partir da mesa, da refeição e da festa? Talvez, depois de termos percorrido essas linhas descobriremos como temos celebrado nossas Eucaristias: se estão sendo ritos vazios ou refeições que têm, de fato, alimentado nossa vida pessoal, comunitária e missionária.

No desenvolvimento temático que se segue, procuraremos descobrir raízes da Eucaristia na própria mesa, na refeição e na festa, pois antes de Jesus instituir a Eucaristia como expressão de amor, serviço e partilha, ela já era prefigurada e ensaiada por homens e mulheres que descobriram na mesa o melhor jeito de se encontrarem para celebrar a vida, e construir relações humanas mais saudáveis. Antes de o Verbo Eterno ter-se encarna-

do e de a Eucaristia ter sido instituída dentro de uma refeição festiva, especificamente no "ser do pão e do vinho" (matérias corpóreas), homens e mulheres já a prefiguravam em suas "mesas de refeição", em seus campos de trigos e em suas Pedras de Ara².

Quando o Criador tirou do *húmus* o homem e a mulher, Ele pôs com seu hálito, no coração deles, o desejo do encontro de um com o outro. Na sua multiplicação, esse desejo também foi crescendo, se configurando em formas sociais diversas, de acordo com cada cultura e crença. Surgiram refeições comuns, mesas de comensais, festas diversas. Tudo convergia para a *inter-comunhão*, mesmo em meio a conflitos e tensões. Para esse centro converge, até hoje, o ser humano em busca de se nutrir, renovar suas energias, tomar novo impulso.

Acreditamos que o Criador incutiu em nossas entranhas esses desejos para que olhássemos para a mesa, a refeição e a festa e víssemos nelas muito mais do que a necessidade de subsistirmos com os frutos da terra e do trabalho humano. "Basta uma refeição em comum para que homens até então estranhos se tornem amigos; os mais ricos presentes sejam trocados; as preocupações ocultas partilhadas; os desejos profundos expressos, satisfeitos"³. Posto que "o ato de comer se acha estritamente ligado à subsistência do indivíduo e do grupo, esse gesto reveste-se de um significado que ultrapassa seu alcance biológico e até social."⁴ Assim sendo, a refeição à mesa carrega muito mais do que

² Por Pedra de Ara entendemos: Mesa de Pedra, "Ara", mesa-altar, lugar sagrado onde se praticavam atos religiosos.

³ VV. AA. *A Eucaristia na Bíblia*. Coleção Cadernos Bíblicos. São Paulo, Paulinas, 1985, p.8.

⁴ *Ibidem*, p.10.

a necessidade de subsistência. Ela traz em seu bojo todas as dimensões em que o ser humano tem de vir a ser nesse mundo, no nível pessoal ou social.

Em cada encontro de refeição, nos reunimos em torno de uma mesa comum, fazendo memória de nossos ancestrais, recontando no presente o passado de nossa história. Esse gesto de comunhão nos alimenta de tal poder que nos revigoramos por completo, rumo a um “vir a ser”: A vida que nos espera nessa noite, amanhã, depois, e depois. Assim, em torno de uma mesa comum, nos eucaristizamos, damos graças pelo passado e nos comprometemos com um futuro próspero essendido a tudo e a todos. “Avancemos para as águas mais profundas” desse mar de vida que é a Eucaristia em sua dimensão antropológica e transcendental, sabendo que tudo o que possamos ver e dizer, não exaure o que contém o Mistério da Eucaristia para a Igreja e sua Missão.

O presente texto trata a temática da *mesa da refeição* a partir de vários ângulos de abordagem, que permitem captar e aprofundar a riqueza dessa temática, tais como: – a espiritualidade da mesa da refeição enquanto *locus communionis* por excelência da vida humana; os dons da mesa da refeição, isto é, o que ela nos serve realmente e o seu significado mais profundo; aquilo que a mesa sinaliza para nós, e o que ela causa em nós; como a Eucaristia nos ajuda na construção do grande edifício humano em suas dimensões psíquicas, sociais, religiosas, políticas morais e inter-relacionais; a relação do ser humano com a refeição e a festa como

lugares de encontro e os compromissos que são evidenciados a partir desses encontros; a dimensão festiva da mesa na nossa vida, bem como do tempo para além do próprio tempo dentro da festa.

1. A mesa da refeição e sua espiritualidade

Nenhuma pessoa ignora que a mesa da refeição é um sinal basilar de nossa subsistência, quer como *filhos da terra*, quer como *filhos do céu*. O ser humano traz em si duas fomes perenes: uma imanente, horizontal, corpórea. A outra, transcendente, vertical, metafísica. Ambas não se opõem, ou se negam mutuamente, mas se constroem como asas humanas que se elevam, alimentando-o na busca de sua realização plena. O que gera esse movimento a partir da mesa, chamamos aqui, espiritualidade. A primeira fome corresponde às necessidades básicas de sobrevivência. Já a segunda, diz respeito à expansão dessa vida rumo aos seus sonhos, ideais, utopias e crenças. Uma está centrada no *ente* das coisas, outra, no *ser* para além do *ente*⁵.

Diante das condições que limitam o ser humano de viver e ser quem é, ele mesmo vai forjando alternativas fazendo pontes entre “o que está aí” e “o que está mais além daí”. Aos poucos ele vai criando, da matéria criada, formas de ir suprindo tais lacunas antropológicas. Desse campo de angústia, suas inspirações, aos poucos vão sendo despertadas, surgindo ao longo do seu caminho, dando rosto e formas às obras de suas mãos: Eis a sua participação como co-criador.

⁵ Para uma maior compreensão desses dois conceitos metafísicos, Cf. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo, Editora Martins Fontes, 2000⁴, pp. 334 e 878-880.

1.1. A força da simbólica da mesa

Nesse contexto, a mesa⁶ surge como a encarnação de um desejo humano que está para o outro, como o rio está para o oceano. Vista dessa forma ela é uma espécie de *locus communionis*, onde nos doamos ao outro, mas também, recebemos do outro os seus dons. No encontro existe a riqueza de sermos sempre acrescidos de algo que, muitas vezes, não sabemos o que é. Sabemos apenas que não somos mais os mesmos de antes. Nesta dialética de alimentar e ser alimentado, verdadeira relação, o ser humano vai se descobrindo e sendo descoberto, sem, contudo, ter a pretensa intenção de apreender o outro em seus “pré-conceitos” – afinal, o que é o ser humano se não um ser de relação, inter e extra pessoal?

Talvez, a mais influente e determinante criação do ser humano tenha sido a mesa da refeição. Ao redor da mesa e sua espiritualidade, nos movemos, somos, existimos e nos descobrimos para além de nós mesmos. Sua espiritualidade é forte, “mais forte do que a própria morte”. Dessarte, podemos acreditar que não é por menos que muitos cristãos, e até não cristãos, davam e dão as suas vidas pela dignidade da mesa e do que nela servimos: O pão nosso de cada dia.

O Profeta Isaías falava sobre o Reino de Deus, descrevendo-o como um grande banquete, onde “todos os povos do mundo” haveriam de se alimentar com “carnes gordas e vinhos refinados”. Nesse monte, mesa-

refeição, “Javé arrancará o véu que cobre todos os povos, a cortina que esconde todas as nações; Ele destruirá para sempre a morte”⁷. “Rica de tão vasto alcance, a refeição tem seu lugar na religião; ela é um de seus ritos mais expressivos”⁸.

Que princípio criador conterà esse signo humano? Que força humana e espiritual estará velada nessa *mensa locus*, onde o humano dele se aproxima e dele se retira transformado pelo divino mistério escondido entre os alimentos? Eis o convite a adentrarmos em tal território sagrado, consagrado, pluriverso, chamado mesa da refeição. Vejamos um pouco a sua mística.

2. A mística da mesa da refeição

Visto de outro ângulo, poderíamos até arriscar que Deus, ao criar o homem e a mulher à sua imagem e semelhança pôs em seu âmago o dom de continuarem a sua ação criadora, pura ação mística. E dentre as tantas coisas boas que criaram, a mesa talvez seja o que há de mais sagrado feito por mãos humanas. Dela, a própria Revelação se serve, como vemos nas inúmeras metáforas do Reino de Deus, como uma grande refeição aos seus. Nesta refeição, o Senhor virá, “Ele mesmo cingirá, e os fará sentar-se à mesa, e, passando, os servirá”⁹. Nela, com ela e a partir dela Deus nos fala. Assim, seu projeto de salvação e libertação passa pela mesa-refeição; e ao contrário, o *nosso não* a esse projeto messiânico, é a nossa própria

⁶ Sempre que usarmos o conceito de *mesa*, estamos nos referindo apenas à *mesa da refeição*, e não a outras tipologias de mesa, como por exemplo, de jogo, de trabalho, de reuniões...

⁷ Is 25, 7-8. Confira ainda, em Mt 22, 1-10 e Lc 14, 15 sobre a Metáfora do Reino de Deus visto como uma “festa de casamento” e como “um banquete”.

⁸ VV. AA. A Eucaristia na Bíblia. *Coleção Cadernos Bíblicos*. São Paulo, Paulinas, 1985, p. 11.

⁹ Lc 12, 37; Ap 2,3, 14.20; Ex 24, 9-11, Sl 22, 27.

condenação¹⁰. Assim, falar em mesa é falar de um universo inesgotável das possibilidades do ser humano. De algo, que por mais que possa ser conceituado¹¹, delimitado, estará para além daquilo que pensamos.

2.1. A mesa e as suas indagações

O que move uma mesa da refeição? O que é que faz com que ela seja uma mesa da refeição e não uma outra forma de mesa? Por que a mesa não é uma invenção cuja finalidade se resume apenas no ato de consumir alimento? Possivelmente, o entendimento e as respostas estarão no que conseguirmos captar de sua oferta: a refeição!

Para que a mesa seja de refeição, ela não pode ser de câmbio ou de venda, embora hoje os restaurantes vivam de “mesas de refeição vendidas”. A sua intuição primeira é muito maior do que a da mesa paga. Podemos pagar a comida que comemos nessa mesa, mas não a sua mística que tem uma expressão única a partir de cada grupo reunido, de cada pessoa presente. Em cada encontro uma surpresa, uma riqueza revelada para os que se aventuram a dela tomar parte.

Esse fenômeno não pode ser apreendido e mercantilizado por ninguém, é *puro dom* da mesa da refeição – onde dois ou mais estiverem reunidos por causa do alimento-mesa-ser-humano, um novo mundo poderá ser descortinado, revelado. Basta que essem dispostos a acolher o que ela propicia do encontro desses elementos. Assim, da mística da mesa nutrimos nossa espiritualidade¹². Tal mística é a mística do *Eros*: “Desejei ardentemente comer esta ceia com vocês”¹³. Esse enlace, acolhe e alimenta um ser em processo de humanização pelo poder misterioso da mesa da refeição. Nesse *face-a-face*, posso ver o outro mais de perto, olhá-lo mais de perto, ouvi-lo mais de perto, senti-lo mais de perto. Se não me sento à mesa com meus amigos, estou perdendo a possibilidade de saborear esses alimentos *intra e extra físicos*. A mesa é muito mais do que um *signal* de comunhão. Ela é *signal e causa* de inter-comunhão. Eis a sua vocação! A sua missão reveladora do Absolutamente Outro. “A refeição acaba finalmente por adquirir uma dimensão metafísica e um valor religioso”¹⁴.

¹⁰ Cf. o texto sobre o *rico opulento* e o *pobre Lázaro*, Lc 16, 19-30; sobre o *Juízo Final*, Mt 25, 31-46; ou ainda, sobre o *Reino de Deus como dom e partilha aos mais pobres*, no episódio do *jovem rico*, Mt 19, 16-22.

¹¹ O termo *mesa* vem do latim “*mensa*”, delimita qualquer tipo de mesa. Mesa dos templos em que se colocavam os objetos do culto. Mesa de amostra de objetos; mesa de serviço, mesa de jogos... “Primitivamente parece que o termo designara um ‘bolo sagrado’, redondo e dividido em quatro partes por dois diâmetros perpendiculares, em cima do qual se colocavam as ofertas e gêneros alimentícios oferecidos aos deuses. Daí, resultou o sentido de ‘suporte para comida, mesa de jantar’ e mesa em geral. TORRINHA, Francisco. *Dicionário Latino-Português*. Porto, Gráfica Reunidos Ltda, 1942, p. 514.

¹² Por mística entendemos a acolhida receptiva das *iniciativas de Deus a nós*. Ele vem a nós, movimento mistagógico, e nós, nos direcionamos a Ele. No encontro, nutrimos nosso ser espiritualizado. Dessa acolhida do mistério, brota uma espiritualidade, ou seja, uma vida vivida segundo o Espírito. Cf. QUEVEDO, Luis Gonzáles. *Os exercícios espirituais no Brasil*. Revista Perspectiva Teológica. Ano XXXV, n, 96, maio/agosto, 2003, p. 241.

¹³ Lc 22, 15.

¹⁴ VV. AA. *A Eucaristia na Bíblia*. *Coleção Cadernos Bíblicos*. São Paulo, Paulinas, 1985, p. 10.

Valor esse que faz com que a mesa e sua refeição nos alimentem com algo mais-que-físico.

2.2. A poesia da mesa

Na mesa, a refeição que nos é oferecida revela uma poesia inerente aos seus dons, aos seus gestos, ao seu ritual evocativo de algo dito, de forma não verbal, como se fosse a magia sonora de uma orquestra, que em si não pode ser ouvida, mas quando nos reverenciamos com todos os nossos sentidos sobre ela, podemos nos alimentar dos mais misteriosos e recônditos sentimentos e necessidades da alma humana.

Há pessoas que não têm acesso à comida em suas mesas...

Outras, nem sequer à mesa têm acesso!

Há aqueles que apenas se alimentam de comida...

Outras, nem de comida se alimentam!

Há outros ainda, que se alimentam de sonhos, de esperanças...

Vislumbram o dia em que terão de volta os pães forjados de suas mesas!

Mas...Você, aí sentado para esta refeição:

Do que vai se alimentar, hoje?

Há quem hoje vai alimentar?

Mostre-me a tua fome,

Para que, hoje, eu possa alimentá-la.

Assim, talvez amanhã, a outro poderá fazer o mesmo,

Seja bem-vindo à mesa do pão nosso¹⁵.

Essa capacidade extraordinária de nossa linguagem humana, a poesia, consegue nos ajudar a ver que há pessoas, cujas almas ressequidas e vazias, não conseguem se nutrir dos "alimentos" provindos da mesa-refeição, pois não sabem sequer quais são as suas fomes. Algumas pessoas não sabem por maldade humana, mas outras por pura alienação, as dádivas desse valor incomensurável chamado mesa da refeição.

Tudo aquilo que se dá na alegria, tudo aquilo que se dá com vida, com sentido e sentimento alimenta algo em nós, ou alguém fora de nós. Multiplica-se, triplica-se em cestos de pão¹⁶. Mas também, o contrário é recíproco: tudo aquilo que damos com mesquinhez e narcisismo, ou às vezes nem conseguimos dar ao outro, como resposta à sua fome, vai se tornando o nosso próprio alimento. Se for verdade que nós somos aquilo que comemos, devemos sempre nos perguntar, quem somos e como somos a partir do que temos comido em nossa curta existência aqui nesse mundo.

2.3. A mística da mesa como convocação ao outro

A mística da mesa da refeição convida, convoca e se coloca na vida do ser humano como fator determinante de sociabilidade, de valores e equilíbrios sociais, enfim, de humanização. Nela e com ela aprendemos a acolher o outro como dom. Aprendemos a nos doar, a partilhar, a receber, a

¹⁵ Acredito que só um ser em profundo transbordamento de sentimentos, seja de alegria ou de dor, consegue fazer poesias... Os de "alma inabitada" do sentir humano, nem sequer podem alimentar-se delas. Esse poema descrito acima, intitulado *Pão nosso*, foi fruto de uma experiência do autor nesta pesquisa.

¹⁶ Cf. PASSOS, Mauro (org). A Festa na Vida, Significado e Imagens. Petrópolis, Vozes, 2002, p. 32.

escutar e a falar, a contemplar o outro em sua nudez e em sua unicidade; em sua dor e em sua alegria. Nesse *mensa locus*, nesse lugar da mesa, "Deus atualiza a encarnação ao se fazer palavra que comunica vida, gera novas relações, provoca crescimentos e rupturas necessárias"¹⁷.

A mesa-refeição pode ser vista como o lugar sagrado da alegria e da festa, que consiste em nos percebermos viventes, em meio aos riscos que se interpõem entre nós. Viver a cada dia nesse mundo hostil já é uma vitória sobre a morte. Mas também ela é o lugar de acolher a dor e as tristezas do outro, com quem partilho minha refeição. Entretanto, esse gesto cotidiano corre o risco de cair no banal, no corriqueiro. O mundo alienante tende a nos convencer de que comemos à mesa apenas para subsistirmos, e nada mais. Talvez isto aconteça por causa da mercantilização e pragmatização da mesa¹⁸. Aos que a vêem dessa forma, comem mas continuam com outras fomes.

2.4. O ato de sentar-se à mesa

Sentar-se à mesa com o outro é descobrir-se vivo, corpo pulsante, latente, carente. Mas, também é descobrir um outro tipo de alimento que só pode ser colhido na delicadeza da inter-relação, da *inter-comum-união* com o outro que me fala sem dizer: "Tenho fome!" Só os

que não estão voltados para o *eu-mesmo*, conseguem escutar tais falas alheias. Diante de tal interpelação, temos duas opções, como tiveram os discípulos de Jesus: "Darmos de comer", ou então, "mandá-los a povoados vizinhos comprar algo para comerem"¹⁹.

Esta última atitude de transferência de responsabilidade acontece, às vezes, de forma até inconsciente e involuntária em nossas relações conhecidas, mas muito mais em relações de compromisso social, onde eu tenho de dar alguma resposta à fome do outro²⁰.

Esta relação de alteridade à mesa, tem o poder de reconstruir mundos antigos, perdidos em nosso passado. Às vezes velados por trás de corpos robotizados, plastificados, "sarados" por fora, todavia, feridos por dentro. Se levamos em conta as grandes doenças da *grande aldeia terra*, talvez redescobriremos que uma das curas desses corpos cindidos esteja na revalorização do lugar e significado da mesa-refeição no universo coletivo²¹.

2.5. Os desafios da prática da mesa da refeição

Por incrível que pareça, vivemos em um mundo globalizado, sem fronteiras de comunicação, mas ao mesmo tempo, o ser humano nunca esteve tão distante de si mesmo e do outro, seu vizinho. Se eu vou

¹⁷ Pesquisa Pró-Monografia.

¹⁸ Sobre esse tema, aprofundar-lo-emos no tópico sobre os *desafios atuais da mesa, da refeição e da festa*.

¹⁹ Mc 6, 36.

²⁰ Para um maior aprofundamento dessa *Ética da Alteridade*, confira: SILVA, Marcelo Carlos. Monografia, *A Ética da Alteridade em Emmanuel Levinas, um êxodo do eu egológico para um-ser-para-o-outro*. Belo Horizonte, ISTA, 1999.

²¹ Cf. PASSOS, Mauro (org). *A Festa na Vida, Significado e Imagens*. Petrópolis, Vozes, 2002, p. 97.

me distanciando das pessoas, meus relacionamentos, frutos de séculos e séculos de história da evolução da convivência humana, vão se perdendo, num movimento in-volutivo. Talvez essejamos presenciando um retorno do ser humano às cavernas (homem de nandertau), porém de forma sofisticada, com cercas elétricas, apartamentos que parecem tocar o céu, condomínios fechados, com técnicas de segurança iguais às das grandes prisões. Tudo isso por medo de *sentar com o outro*, e partilhar com ele *nosso pão*.

2.6. Voltando a ser criança a partir da mesa

Hoje, mais do que nunca, o ser humano precisa re-aprender²² a estar com o outro; a *con-viver* com o outro, sua imagem e semelhança. Talvez, ele deva aprender a *perder tempo* para se redescobrir humano, capaz de dar e receber o pão da terra, dos afetos, dos abraços calorosos de bons irmãos e amigos, do olhar, do silêncio orante, reconhecedor da sacralidade do outro. Enfim, do vinho da alegria e da felicidade, do re-encantamento com as pequenas coisas da vida. Isto é, olharmos o mundo com o *olhar de criança*²³, para descobrir o céu que há dentro de nós²⁴.

Há que se voltar a esse olhar perdido em nossas *polis*, perdido entre as *selvas de pe-*

dra e concreto e, às vezes, até mesmo em nossos esquemas doentes de vida comunitária, que parecem mais reconstruções sociais da *Torre de Babel*. Há que se reaprender a olhar para a criação e ver nas criaturas a poesia de Deus declarada em forma de natureza a nós humanos. Como bem nos recorda a metáfora da criação, no livro do Gênesis²⁵, Deus criou o universo e o que nele encerra com um olhar poético, eloqüente, prazeroso. E ele segue o seu percurso dinâmico, evolutivo, porque a vida não é estática, como desejamos que sejam estáticas e absolutas nossas teorias, nossos sistemas tecnológicos e produtivos.

Essas construções sistêmicas não são mais importantes do que a conspiração e a geometria do cosmos, do Planeta Terra. Esses são apenas desdobramentos da criação de Deus em constante evolução. É do meio desse espaço confuso, conturbado em que o ser humano se encontra, que devemos sair para reaprendermos a ver o mundo de uma outra lógica: sentados em torno de uma mesa, comendo, bebendo, dialogando, nos alimentando de tudo o que ela pode nos oferecer, para nos saciar.

A presença provocante do encontro da mesa com o outro desperta em nós uma espécie de "nós majestático", um caminho mistagógico, que é pura acolhida do Mistério revelado na mística da mesa. Esse cami-

²² Talvez a Vida Religiosa deva também buscar a sua renovação a partir da mesa, pois se o centro dela é a vida comunitária, o dessa passa pela vida em volta da mesa. Seja de nossas liturgias ou de nossa convivência diária. Para a mesa convergem nossas vidas.

²³ Para uma maior aprofundamento dessa compreensão da *criança* como chave de leitura do *novo olhar do homem/mulher sobre o mundo*, e, inclusive, como condição de *entrada no Reino de Deus* cf: Mt 18, 1-5; Mc10, 13-16 e Lc 18, 15,17.

²⁴ GRUN, Anselm. *O Céu começa em você, a sabedoria dos padres do deserto para hoje*. Petrópolis, Vozes, 1998, p. 25.

²⁵ Cf. Gn 1.

nho é busca, encontro e acolhida. É o ser humano que vai ao Divinamente Outro. No encontro, esse Outro se dá como pura oferta, onde o *humanamente Eu*, aprende a acolhê-lo em sua insignificância, transvestido de pão e de mesa. Eis o caminho da espiritualidade e da mística da mesa.

3. Os dons da mesa da refeição

Salvo exceções, em todos os lugares onde as famílias ainda se reúnem para partilhar o pão, a mesa continua sendo o lugar da herança, dos valores aprendidos, das trocas de experiências que vão se dando de pais para filhos, de avós para netos, de irmãos para irmãos. Nela, a família humana se reencontra, se reconta, se transporta para outros tempos, e, por fim, re-torna a seu *ethos*. Dessarte, o elo das pequenas histórias, das famílias anônimas de “Josés” e “Manias”, vai se mantendo vivo ao ser passada pela tradição oral da mesa da refeição. Quando dois ou mais estão reunidos em torno da mesa, a roda dos tempos começa a girar e quanto mais se partilha, mais rica essa mesa se torna, mais ela vai se firmando como lugar de formação de ensino-aprendizagem entre nós.

Todas as pessoas, seja em família, entre amigos, ou não, têm o sagrado direito de se sentarem à mesa para tomarem a refeição de cada dia²⁶. Para aquele que se dispõe a sentar-se à mesa para uma refeição, ela lhe impõe três condições: a partilha, o respeito e a solidariedade. O simples gesto de servir o outro, de lhe passar um copo de suco, de vinho, já é um ensaio dessa prática holística

da mesa. Pois aquilo que expressamos no cotidiano, nessa hora também o revelamos.

3.1. A mesa da refeição e o agir social do comensal

A nossa conduta numa refeição revela também o nosso agir social²⁷. Nesse prelúdio, os comensais vão tecendo relações políticas e sociais de diálogo; falas, alimentos diversos – de repente de um copo d’água passamos a servir o outro com os vinhos de nossa itinerância, de nossa errância histórica; às vezes doce, às vezes amarga – mas sempre nossa história preciosa, carregada em “vasos de argila”. Quando chegamos nesse nível de intimidade, a comida se torna secundária. Indispensável para novas relações, porém como partida, não como chegada.

Há muitos séculos atrás, a mesa da refeição já servia para fortalecer a amizade entre “os iguais”, do mesmo nível social; mas também entre o senhor e o vassalo. Dom Mauro Morelli recorda com isso o poder que a mesa, o *locus communionis*, tem de diluir fronteiras e hierarquias, pois quem dela se aproxima é bem-vindo por ser pessoa, gente, e não por ocupar títulos, *status*. A mesa que funciona como reforço hierárquico se torna pobre, porque muitas vezes se torna dissimulada, falsa e até artificial. Nessa mesa, eu sou importante pelo que sou, não pelo que faço, ou pelo que tenho²⁸.

O imperativo dessa mesa é a partilha, a relação de êxodo. Não o auto-reconhecimento, auto-afirmação narcísica. Com isso ela nos interpela a vivermos uma espiritualidade

²⁶ Cf. MORELLI, Dom Mauro. *O Direito de se sentar à mesa*, p. 1. In.: <http://www.sescsp.com.br>. Tirado da internet dia 10 de agosto de 2003.

²⁷ Cf. *Idem*.

²⁸ Cf. *Idem*, p.2.

de da gratuidade e do serviço de uns com os outros. Ao me assentar nesse lugar, um desejo anterior de encontro exala do meu íntimo, fazendo-se oferenda generosa no meu *ser-patena*, que se coloca em estado de acolhida do outro que se dá a mim.

Portanto, tal gesto de reverência aos *dons da mesa da refeição*, bem como aos alimentos que as “pessoas são”, expressam o reconhecimento respeitoso do inconsciente coletivo revelado nesse momento. Nesses dons, inúmeros sacrifícios humanos, e da natureza, são realizados até que cheguem à nossa mesa da refeição. Nossa refeição tem assim, implicitamente, uma dimensão de doação que não podemos deixar de reconhecer, de bendizer a Deus.

4. O significado da mesa da refeição

A mesa é *sinal* de comum-união, mas também, *causa* de união. Ao mesmo tempo em que sinaliza, ela promove o sinalizado. Ela não é agente passivo, mas sujeito, construtor de novas possibilidades do *Ser* ser. Aliás, ela existe enquanto lugar de alimentação por causa do ser humano que a modelou.

Esse lugar humano é revelador de cultura, do inconsciente individual e coletivo. Lugar fecundo, onde o imprevisível pode acontecer. Onde o corpo se abastece de energias vitais, psíquicas, emocionais e intelectuais. A mesa é também lugar de encontro consigo mesmo e com o outro. Não obstante espaço de convivência, de amizade, familiaridade e fraternidade. É nesse *areópago humano* que as nossas tradições criaram muitos ritos e expressões religiosas em torno dele. Hora ritualizamos em nossas mesas de refeição uma data de nascimento, hora de casamento, de des-

pedida e até de funeral, como consta em algumas culturas.

Tão rica é essa mesa que sua espiritualidade, vista como manancial da vida, não exclui nenhum momento: seja os felizes, seja os tristes, os de sofrimento. A sua espiritualidade exala gratidão aos que dela se aventuram em tomar um acento. Nela, passado e futuro se encontram no único tempo em que vivemos, o presente. Recordamos nesse o nosso passado. E ao recordá-lo, nos projetamos rumo ao futuro. Podemos mesmo dizer que a mesa da refeição tem um “quê” de Mistério Pascal, que ela consegue acolher o inesperado que vem de nossos sentimentos. O outro em sua aflição, em sua fome. Então nela, o coração humano encontra, muitas vezes, repouso, alento, força e vigor para caminhar com sentido de viver no mundo que o envolve, hora em sua paixão, hora em sua morte, mas também, em sua ressurreição, até que toda a criação seja plenificada em Deus.

É nesse universo factual e simbólico que o ser humano chama de mesa-refeição, que ele vai se auto-construindo, se auto-definindo como ser que pensa, mas que também sente (sente pensando; pensa sentindo); ser que é humano, mas também divino (se diviniza humanizando; se humaniza divinizando), criatura escultural de Deus.

4.1. A mesa da refeição como suporte das relações interpessoais

Se a mesa fosse apenas lugar de suporte da nossa refeição corporal, ela não seria necessária, pois seria muito mais fácil fazer como os primatas fazem, apreender o alimento mastigá-lo e degustá-lo. Entretanto, em sua evolução o ser humano constrói a mesa-refeição, se assenta com os de-

mais que chama para co-dividir seu pão²⁹, “não por mera comodidade, mas para co-assentar com eles, fazer festa.”³⁰

A mesa-refeição é, ainda, o “lugar do suporte das relações”, espaço que garante o sustento, que alimenta o físico, o emocional, o psíquico e o espiritual. Enfim, a mesa de que falamos é o lugar do *grande encontro* de mundos diversos; de estrangeiros que se fazem patrícios, de vizinhos que se fazem irmãos; de mundos em conflito dentro de nós mesmos que, ao serem compartilhados, se harmonizam, se eternizam em nossas memórias.

Para nos alimentar em tantas dimensões, à mesa da refeição não pode ser posta de qualquer jeito. Ela deve ser ornada de carinho e de preparação. Deve estar digna para realizar a sua *missão sagrada*, pois sagrados são aqueles que dela se aproximam, se apóiam e se reclinam sobre seus dons.

Em muitas culturas, a mesa da refeição é, ainda, o lugar mais importante da casa. Em torno dela se bendiz a Deus pelos alimentos que são fruto da terra e do trabalho, e que, uma vez assimilados são sustento para a caminhada. A partir desse ato *sagrado*, podemos olhar o outro mais de perto, pois “a comida, o alimento de nossas refeições, não é somente o que aparenta, mas, remete a algo que está atrás de si, para além de si. Portanto, o gesto de sentar-se à mesa para comer revela um tipo de relação social de um determinado grupo humano. Nossas refeições ao longo da história também foram demarcando a condi-

ção do ser humano em sua antropogênese. Portanto, pode-se afirmar que, partindo da espiritualidade da mesa, em torno do gesto de comer em comum, desvelamos um *modus vivendi* de uma determinada cultura, sua vida, seus hábitos e seu jeito de ser³¹.

Enfim, buscar a mesa da refeição como suporte das relações interpessoais, é, para o ser humano, buscar a sua própria identidade. Como obra sua, ela é depositária de uma longa e evolutiva história humana, de capacidades múltiplas no meio em que vive e constrói. Dessarte, a “comunhão de mesa expressa extraordinária elevação”³² do ser humano, capaz de formar família de sangue, de laços afetivos e sociais.

5. A relação do ser humano com a refeição e a festa como lugares de encontro

Como ser de relação que é, o homem tem o poder de se colocar em comunhão com múltiplas realidades. A mesa é uma dessas realidades. A refeição e a festa são as outras duas faces da mesma realidade.

5.1. A refeição à mesa como um lugar de desafio à unidade perdida

A refeição nos faz família, amigos. Fazer uma refeição é, primeiramente, um ato de necessidade física, de sobrevivência no tempo e no espaço. Mas também, paralelamente, uma necessidade espiritual-existencial. Ela é o momento de reconhecer e ce-

²⁹ Cf. PRETTO, Hermilio. *A Teologia tem algo a dizer a respeito do ser humano?* São Paulo, Paulus, 2003, p.51.

³⁰ Pesquisa Pró-Monografia.

³¹ Cf. MATEOS, Manuel Diaz. *El Sacramento Del Pan*. Lima, CEP, 1995, pp. 124-128.

³² PRETTO, Hermilio. *A Teologia tem algo a dizer a respeito do ser humano?* São Paulo, Paulus, 2003, p. 51.

lebrar a vida que converge para a mesa nas suas mais diversas formas e cores, como um Dom de Deus³³. Nós nos aproximamos da mesa como quem está diante de um território sagrado, porque sagrados são os alimentos e quem deles se alimenta.

O nosso ato de fazer refeição e de comer, revela traços de nossa personalidade e de nossos comportamentos cotidianos. Sendo verdade que nosso corpo fala a todo instante, com certeza não deixaria de falar também nos momentos de refeição. Nesse momento sagrado, os corpos se expõem com muito mais naturalidade e transparência. Com sua linguagem não verbal eles nos falam de posturas, atitudes, crenças, relações. As aberturas e fechamentos do nosso ser se põem em evidência. Sem cairmos em juízo de valor, mas apenas aguçando nossas observações, vemos nesses momentos cotidianos *corpos cansados*, reclinados sobre o peso de seu trabalho, transformando a refeição num mero momento mecânico de suprir as necessidades fisiológicas primárias. Vemos, também, *corpos fechados* para as relações com o outro. Não olham, não ouvem, não percebem o outro. Encurvados apenas sobre o peso de seu garfo, reclinando o seu corpo sobre seu prato, enxergam apenas a si mesmos e suas necessidades. O outro, o que plantou, cultivou, colheu e preparou tais alimentos, não importa. Aquele que está do seu lado, ou à sua frente, não lhe diz respeito, é um estranho. Seu olhar também não consegue alcançar com gratidão, o esforço dos que fizeram os alimentos chegarem à nossa mesa. A mesa tessemunha, também, *corpos machucados* por pessoas que não valo-

rizam a vida. Por isso a vêem como lugar de escala, de competição – tais atitudes estão muito presentes nos ambientes de trabalho e de vida, muitas vezes hostis.

5.2. A refeição à mesa como lugar da comum-união

À mesa da refeição, encontramos também *corpos abertos* e lúcidos de seu momento, que não deixam se abater nem mesmo pelo sofrimento. São pessoas capazes de falar de si, de suas alegrias, conquistas, sonhos, mas também de suas dores, desânimos e cansaços. Essas pessoas buscam no momento da refeição, alimento para todas as suas dimensões. Principalmente as que têm fome de algo *para além* do pão da mesa.

Nesse momento sagrado, bem-aventurados são aqueles que conseguem enxergar, no gesto de partir o pão, as fomes do outro, as suas necessidades. Esses descobrirão as alegrias do *Reino do Pão*: “Há mais alegria em dar do que em receber”. Mas também são bem aventurados aqueles que não temem o outro e se expõem na hora sagrada da refeição, na espera de que um pedaço de pão lhe seja oferecido para a sua fome. Esses sempre encontrarão para as suas necessidades uma resposta de alimento.

O importante é que essejamos à mesa da refeição sempre inteiros para que nada seja perdido, alienado aos nossos olhos, mas sim resgatado, redimido pelo *mistério do encontro*. Os que conseguirem viver essa mística de comum-união, nunca passarão fome, pois quando dela se aproximarem, terão suas necessidades atendidas.

³³ Cf. Pesquisa Pró-Monografia.

5.3. A relação do comensal com a mesa da refeição

Se nosso corpo é nossa história, então cuidemos de nossos corpos com carinho, quando postos à mesa para a refeição, para que eles nunca passem fome, sejam dessacralizados num momento como esse. Se muitos corpos foram sacrificados, imolados para termos essa refeição, é para que ela seja um momento prazeroso, de verdadeira ação de graças à vida, resposta também de entrega.

Mesmo que haja corpos feridos, tristes com sua dor, obesos em sua forma suicida de comer compensatoriamente, não importa! Todos são vidas que estão ali à procura de algum tipo de pão. E se ainda não o encontraram é porque talvez ainda não tenhamos tido sensibilidade e delicadeza de servo, como Jesus teve, ao se prostrar com o avental aos pés daqueles homens famintos, para alimentá-los³⁴: – “O maior é aquele que serve”³⁵.

Nem todo encontro de refeição, porém, alcança a sua finalidade, encontra a sua ressonância em nós humanos. A mesa faz a sua parte, que é sempre oblativa mas, nem sempre nossa resposta é de gratidão. Nesse nível, percebemos que o “tempero” de nossas refeições somos nós que o damos. Os nossos alimentos terão o sabor de nossos desejos e de nossas intenções, de nossa presença significativa. Por isso, é que alguns banquetes têm gosto de sangue vivo, de

ervas amargas, pois são selados com a morte de outros³⁶. Estão fadados à sua própria condenação. Mas também há refeições que libertam pessoas, vidas e povos, porque seduzidas pela mística da refeição e das suas mesas, elas têm o poder de religar³⁷ os *elos partidos* da criação divina. É o que acontece com a libertação de Esser e seu povo condenados pela tirania de *Amã*.³⁸

Enfim, a refeição de que nos servimos acontece porque é fruto de um desejo e de uma necessidade. Muitas vezes, desejamos encontrar o outro, nosso amigo, nosso irmão, que não podemos ver sempre, então dizemos: *Tô com saudades de você, vamos sair para “tomarmos uma cervejinha”, “comermos uma pizza”, ou então, “jantarmos fora”*. Ora, o que são esses convites, se não um desejo de encontro, de partilha, de matar a saudade, compartilhando uma refeição? Esse elemento *fome* é essencial para que a mesa da refeição se instale como ponto de encontro e de sustentação das pessoas que se querem bem³⁹. Como nos recorda Adélia Prado: “eu não quero pão, eu quero fome”, ou seja, desejo, necessidade, aptidão de, interesse por. Isto é, motivação para... O decorrente é secundário!

Jesus, antes de se deixar no Sacramento do pão, *desejou ardentemente* ter uma ceia com os seus⁴⁰, ou seja, ele teve fome, desejo ardente. A mesa e a refeição foram o *Kairós*, o *Areópago* do pão, dos afetos, dos

³⁴ Cf. Jo 13, 4-17.

³⁵ Cf. Lc 22, 24-30.

³⁶ Cf. Mt 14, 1-12 (o banquete de Herodes que sela a morte de João Batista, com o pedido de sua cabeça por Herodíades).

³⁷ Cf. MATEOS, Manuel Díaz. *El Sacramento Del Pan*. Lima, CEP, 1995, pp. 124-125.

³⁸ Cf. Esser 7, 1-4 (O banquete de Êster para libertar o seu povo).

³⁹ Cf. Pesquisa Pró-Monografia.

⁴⁰ Cf. Lc 22,15.

desejos de relações livres, de compromisso, de justiça e de solidariedade vividas por Ele aqui nesse mundo, passando de mesa em mesa até se deixar, também, numa mesa da refeição e de festa: a da sua Páscoa!

5.4. O *lôcus* da festa na vida do ser humano

Se nos debruçarmos bem sobre a mística da festa, perceberemos que ela busca ser uma vivência plena do ser, pois ela abarca as diversas facetas da pessoa humana, em suas experiências e em suas esperanças, aspirações e temores, derrotas e vitórias... Não é por menos que cada festa, rompendo com o tempo cotidiano, elege no *tempo extra cotidiano*, um motivo por trás de um nome para existir como necessária e importante, como são as festas de batizado, celebrando o nascimento; as festas de quinze e dezoito anos, celebrando a passagem à maior idade; formatura de um curso superior, celebrando o início de uma profissão... E assim são todas as festas que celebramos.

Podemos dizer que necessitamos celebrar festivamente a vida em seus marcos, demarcando e consagrando os ciclos da vida. Demarcando-os com momentos de gratuidade, dentro do longo tempo do labor humano, o cotidiano. De uma certa maneira, ela é então uma forma de contestar a cultura do cotidiano, pois ela é totalmente o contrário das estratificações sociais. Na festa todos os presentes são convidados, devem ter o seu lugar em torno da mesa⁴¹.

A espiritualidade da mesa-refeição, a partir da festa, nos convoca a sentarmos em

torno do *elo da vida* e religarmos os elos perdidos, adormecidos em nossa memória. A festa, seja para poucos em torno de uma mesa de jantar, ou para muitos dentro de uma comemoração de aniversário, traz sempre à tona o elemento de re-liquação. Religa amizades, afetos negados, histórias esquecidas, fatos, compromissos. Religa a vida outrora cindida em algum lugar. A confraternização, a música, a comida, a bebida, e outros fatores festivos, são sempre os estímulos para externarmos os sentimentos velados com um verniz chamado *tempo do cotidiano*. A valorização do motivo pelo qual fessejamos tem o poder de ligar-nos ao passado, fazendo memória dos acontecimentos. Mas também, ela cria e reascende em nós a chama da esperança de dias vindouros na trilogia temporal, o *presente* recordando o *passado* e apontando o futuro, como uma espécie de ponte, acesso ao ontem e ao amanhã de nossa história⁴².

A mesa da refeição e de festa consegue transformar a realidade humana em um *theatrum mundi*, onde o personagem principal é a vida dos que dela tomam parte com suas peripécias. Nesse grande *theatrum mundi* nós contamos, recontamos e nos re-conectamos com a nossa própria história, por vezes esquecida, cindida entre a nossa consciência de sermos seres pensantes, mas também pulsantes. A mesa está prenhe do ser e do devir. Do que é e do que virá a ser, pois na sua essência todas as coisas são e serão sempre matérias da vida e de vida. Nela, tempo passado e futuro sempre se encontram no que chamamos tempo presente. Esse tempo atemporal é ali-

⁴¹ Cf. PASSOS, op. cit., p.35.

⁴² Cf. TABORDA, Francisco. Sacramentos, Práxis e Festa, para uma teologia latino-americana dos sacramentos. Tomo V. Petrópolis, Vozes, 1990^o p. 53.

mento e matéria da mesa. Como nos diz o poeta Carlos Drummond de Andrade: *O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.*

II- Indicações conclusivas:

A mesa, a refeição e a festa na vida comunitária

Para vivermos o mandato da mesa da refeição e da festa numa Vida Religiosa refundada, é necessário resgatarmos alguns valores, referenciais culturais, e até religiosos que foram se deteriorando ao longo dos últimos anos. Pois se em nossos tempos, as pessoas estão perdendo a sensibilidade da mesa como o centro da vida, é necessário que esses espaços sejam revalorizados e re-significados⁴³.

No tempo atual, onde a mesa, como o lugar da refeição e da festa, parece estar vivendo o seu *crepúsculo*, sejamos criativos o suficiente para superarmos os desafios, na esperança de que venha o despertar de uma *nova aurora*, que venha com gosto de pão,

de vida fraterna. Enfim, de vida profética, engenho da criatividade e da afetividade humanas. Solo de onde brotam o alimento material, emocional, psíquico e espiritual em suas múltiplas formas, cores, aromas e sabores da nossa consagração.

Sem esses alimentos, a Vida Religiosa se tornará pobre e fenecida. Jesus Cristo, o Verbo Eterno deu o seu tessemunho. Quis resgatar a vida humana em busca do Paraíso Perdido, se fazendo gente, sentimento, fome, alimento, isto é, ser encarnado na realidade humana, como um de nós. Vivendo em tudo a condição humana, menos a cisão da vida, ou seja, o pecado. Seu caminho? A vida a partir da mesa, do pão e da festa da partilha.

O autor é religioso sacramentino. Concluiu o bacharelado em Teologia no ISTA e atualmente é aluno do curso de pós-graduação lato sensu no ISTA.

Endereço do autor:

Rua São Pedro Julião, 12 - Dom Cabral
Cep.: 30. 730-020 Belo Horizonte - MG
E-mail: marcellosssbrasil@yahoo.com.br

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Como foi a sua experiência de mesa na sua formação familiar?
- 2- Como são as suas refeições em comunidade?
- 3- Que espaço a mesa, a refeição e a festa ocupam na sua comunidade, província, congregação?
- 4- Como podemos pensar uma Vida Religiosa refundada a partir da espiritualidade da mesa, da refeição e da festa?

⁴³ Pesquisa Pró-Monografia.



CRB

Impresso
Especial

050200140-2/2002 - DR/RJ

CRB

...CORREIOS...

Marcos Indicadores

Há uma esperança para o teu futuro!

Há setas indicando o caminho... *Jr 31, 17.21*
por isso, finca bem as estacas, desdobra a lona,
estica as cordas, amplia o espaço... *Is 54, 2*

Neste horizonte de esperança, a CRB se compromete a animar e assessorar o processo de refundação da Vida Religiosa, sinalizando o caminho através desses marcos:

1. Espiritualidade integradora como experiência de itinerância, vivida na dinâmica pascal.
2. Opção preferencial, audaciosa e atualizada, pelos empobrecidos e excluídos.
3. Comunidade, antídoto contra o individualismo, espaço de irmandade, crescimento, discipulado, solidariedade.
4. Formação para ser presença profética na realidade, comprometer-se e deixar-se evangelizar.
5. Abertura às interpelações das novas gerações em sua diversidade cultural.
6. Novas relações de gênero e etnia tecidas no respeito e valorização do diferente.
7. Intercongregacionalidade, trabalho em rede e parcerias com leigos e diversos organismos em vista da solidariedade.
8. Análise institucional a partir do carisma e em vista da pessoa e da missão.
9. Apoio a novas formas de consagração e de pertença aos carismas.
10. Dinamização e operacionalização do Projeto da CLAR "Pelo Caminho de Emaús".
11. Resposta generosa e presença inculturada na missão além-fronteira.

A nós, irmãs e irmãos de todo o Brasil, cabe a responsabilidade de transformar em vida profética e missionária o que o Espírito nos propõe neste momento. Nesta esperança, sob a proteção de Nossa Senhora Aparecida, avançamos para o futuro.

(Texto final aprovado pela XIX Assembléia Geral Ordinária da CRB, celebrada em São Paulo, de 09 a 13 de julho de 2001.)